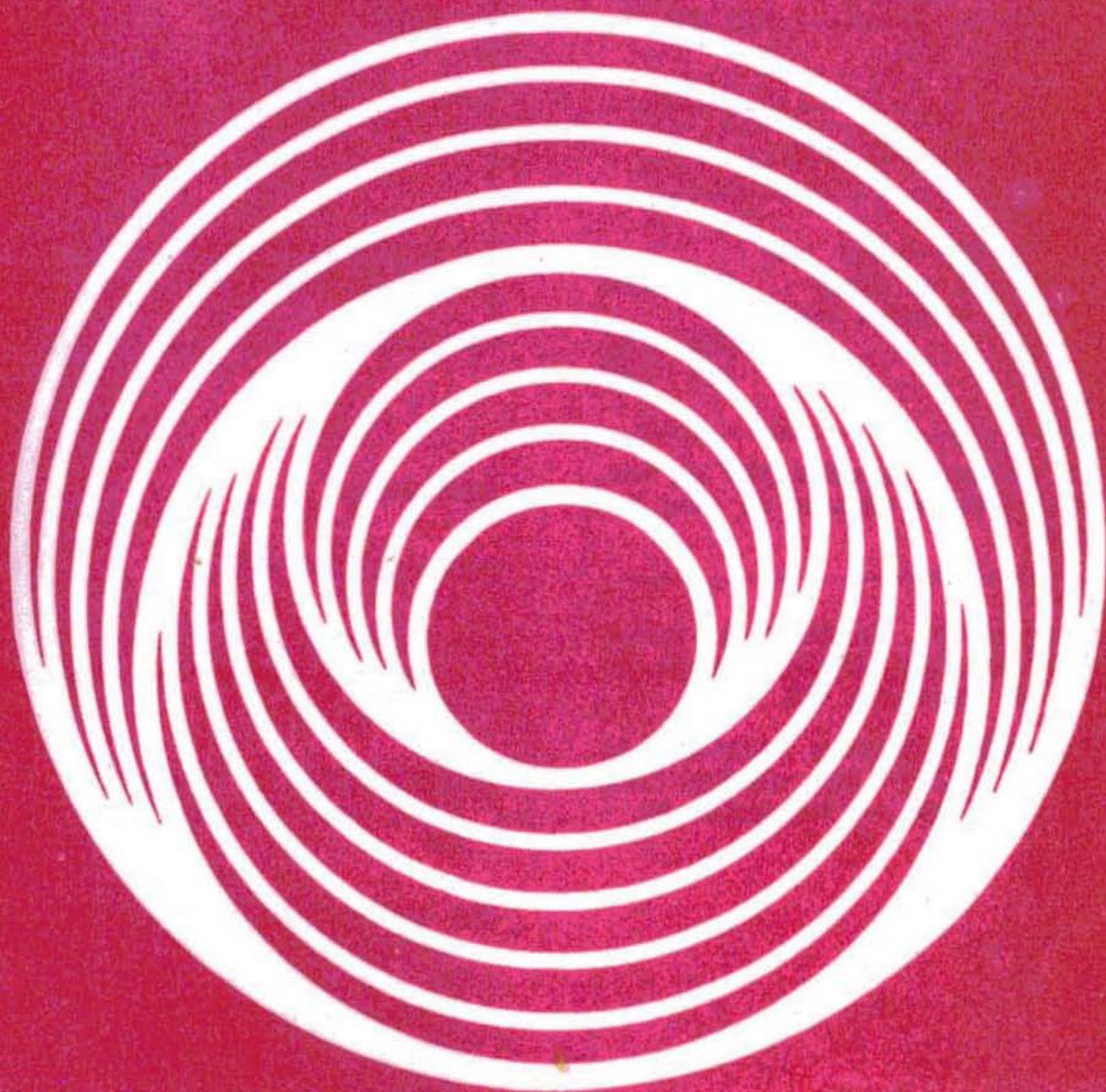


convergência

JUL/AGO - 1975 - ANO VIII - Nºs 83/84



● **EVANGELIZAÇÃO E AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO**

Pe. Oscar Mueller, SJ

Página 329

● **ECUMENISMO E EVANGELIZAÇÃO**

Frei Raimundo Cintra, OP

Página 340

● **O VERBO DE DEUS,
SUA MISSÃO CONTINUADA NA IGREJA**

Pe. José Francisco, SVD

CONVERGENCIA,
revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 6.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

Assinaturas para 1975:

Brasil, taxa única (via
terrestre ou aérea .. Cr\$ 75,00
Exterior, remessa marítima .. US\$ 17,00
Avulso .. Cr\$ 7,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Correia Vasquez, 25 Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



SUMÁRIO

EDITORIAL	321
●	
INFORME DA CRB	323
●	
EVANGELIZAÇÃO E AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, Pe. Oscar Mueller, SJ	329
●	
ECUMENISMO E EVANGELIZA- ÇÃO, Frei Raimundo Cintra, OP	340
●	
NO CENTENÁRIO DA CONGRE- GAÇÃO DO VERBO DIVINO, Pe. José Etspueler, SVD ...	354
1. O Verbo de Deus e sua mis- são. 2. O Verbo enviado ao mundo pela encarnação. 3. A missão do Verbo encarnado continua na Igreja.	
●	
UMA PIONEIRA DA EDUCAÇÃO DA FÉ, Irmã Maria Clara Ma- dalena, RA	371
●	
LIVROS NOVOS	378



EDITORIAL

Ecumenismo é uma realidade bastante recente na Igreja. Não o termo, pois é de origem grega, mas o conteúdo prático, ou seja, os comportamentos que orientam hoje as Igrejas. Qualquer manual de história eclesiástica do Ocidente nos põe diante de um fato incontestável: paralelamente à do crescimento da Igreja, ou no mais das vezes, dentro da comunidade cristã, vicejaram grupos separatistas, ora silenciosos, ora violentos, ora agressivos, ora fugidios. Conhecemos lutas sangrentas, entre cristãos, por motivos religiosos, que conduziram a verdadeiras perseguições.

Neste contexto desenvolvemos um amplo tratado nos Cursos de Teologia, denominado **Apologética**, com o objetivo de demonstrar que somente a Igreja Católica tinha razão. Qualquer diálogo era visto como convivência com a heresia, e portanto, perigoso e condenável. Paulatinamente este estado de beligerância cedeu lugar a um suportar-se mútuo e até a certo respeito. Pois não se podia negar que, por este

ou aquele motivo, o nome de Cristo Jesus era anunciado em diversas partes do mundo. Conhecemos casos de mártires em diversas Igrejas. Uma conclusão emerge sempre mais clara: Deus age por diferentes caminhos, acima de qualquer plano, previsão ou lei. Houve tentativas, de diálogo e de aproximação.

A boa vontade venceu. Das separações e lutas violentas, das agressões, do suportar-se mutuamente, passou-se a um olhar de respeito, a um diálogo mais franco e leal, com vista a uma comunhão de caridade. Começou a tornar-se realidade o pedido do missionário protestante, na Assembléia de 1910: "Pedimo-vos que nos pregueis o Evangelho e que deixeis Jesus Cristo mesmo suscitar no seio de nossos povos, pela ação do Espírito, a Igreja que seja conforme às suas exigências", abandonando as divisões sectárias.

Normalmente a comunhão e a salvação acontecem quando os planos e projetos dos homens fracassam. Há muito de verdade

no dito popular: Deus nos salva apesar de nós mesmos. Devemos descobrir todas as curvas da história, nos acontecimentos mais sombrios o dedo de Deus. Seu Espírito é quem ilumina, e conduz os homens ao diálogo e comunhão. Também na história do ecumenismo. Não podemos negar que um dos grandes males e escândalos no cristianismo foram as divisões internas que em nada contribuíram para a evangelização. A divisão consciente, alimentada por ressentimentos e com desejos de dominação, nunca conduz ao Cristo verdadeiro. Graças a um esforço mútuo e ao Vaticano II, vivemos hoje uma época de maior compreensão e diálogo.

A história do Ecumenismo me sugere uma comparação com a história da vida religiosa. Também aqui passamos de separatismos estanques, de agressões pouco evangélicas, a uma intensa e profunda busca comum, cuja preocupação fundamental é a comunhão em Cristo Jesus, conduzidos pelo Espírito Santo.

Neste número de **CONVERGÊNCIA** o leitor encontrará um belo trabalho do **Pe. Oscar Mueller**, analisando a atuação do Espírito Santo na obra evangelizadora. Tema que deve merecer atenção especial de cada um.

A análise do ecumenismo que nos apresenta **Frei Raimundo Cintra** demonstra de imediato um especialista na matéria. Estudo feito com grande carinho, capaz de esclarecer e iluminar. Comemorando o centenário da Congregação do Verbo Divino, cujo lema do fundador era: "Viva Deus Uno e Trino nos corações dos homens", publicamos um apreciável estudo do **Pe. José Etspueler** sobre o Mistério de Jesus Cristo, visto sob diferentes facetas. Reflexão clara e bem acessível.

Através das "Informações" você poderá tomar conhecimento de outras formas de ajuda à vida religiosa, para que ela seja sempre mais, um válido instrumento de santificação pessoal e comunitária.

Frei Constâncio Nogara, OFM

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

SEMINÁRIO DE PLANEJAMENTO DE UMA REGIONAL DA CRB

Com a presença de 41 participantes, 31 das quinze Regionais e dez membros do Executivo e da Diretoria Nacionais e o Presidente do Conselho Superior, a CRB Nacional realizou, de 9 a 19 de maio, o **Seminário de Planejamento de uma Regional da CRB** no Convento Madre Regina, em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro. Foram dez dias de intenso trabalho, de grande vivência de fé e intercâmbio de experiências e de conhecimentos.

O projeto deste Seminário de Planejamento existia há dois anos. Sofreu sucessivos adiamentos. Na reunião de Presidentes e Secretários Regionais, em 30 de julho de 1974, imediatamente após a X Assembléia Geral da CRB, decidiu-se que o Seminário se realizaria em 1975, depois as Assembléias eletivas das Regionais. Após uma série de intensos contatos, a data definitiva ficou estabelecida. Todos os trabalhos que precederam ao Seminário estiveram a cargo do Executivo Nacional, sob a orientação do técnico que iria coordenar o Curso. A Diretoria Nacional sempre via no Seminário uma resposta aos anseios das Regionais e uma necessidade para o crescimento orgânico da CRB, como um todo. As Regionais, por sua vez, sempre incentivaram a realização do Projeto. Além de retomar os

objetivos da CRB: refletir sobre o que significa promover a Vida Religiosa e redefinir prioridades, o Seminário visou colocar a CRB, como um todo, dentro de um processo de planejamento. O que é uma necessidade urgente para qualquer organismo neste tempo de rápidas transformações, e para a CRB um instrumento para salvaguardar a descentralização, a subsidiariedade e a comunhão.

Participantes

BELÉM. Pe. Tiago Van Winden, Ordem de Santa Cruz, Presidente Regional. Irmã Ana Lucila Rebouças, Missionária de Jesus Crucificado, Secretária Executiva. **BELO HORIZONTE.** Pe. Félix Valenzuela, OSA, Presidente Regional. Irmã Maria Augusta Vidal, Agostiniana Missionária, Secretária Executiva. **BRASÍLIA.** Irmã Rachel Melo Mattos, Religiosa da Assunção, Provincial e Vice-Presidente da Regional. Irmão Cláudio Brandão, Lassalista, Secretário Executivo Regional. **CAMPO GRANDE.** Irmã Tereza Marangoni, Provincial das Catequistas Franciscanas e Vice-Presidente Regional. Irmã Maria Augusta Oliva, Congregação Vicentina, da Diretoria Regional. **CURITIBA.** Irmã Maria Augusta França, Passionista, Secretária

Executiva Regional. Irmã Maria Rosalinda Kutsko, Irmãs Felicianas, Equipe de Reflexão Teológica. **FLORIANÓPOLIS.** Pe. Geraldo Dantas de Andrade, Padres do Sagrado Coração de Jesus, Vice-Presidente Regional. Irmã Elza Shafashek, Catequista Franciscana, Secretária Executiva Regional. Irmão Joaquim Sperandio, Marista, Coordenador Regional em Joinville. **FORTALEZA.** Pe. Patrick Joseph Hanrahan, Vice-Provincial Redentorista e Presidente Regional. Irmã Luzia Góis dos Santos, Missionária do Coração Eucarístico e Secretária Executiva Regional. **GOIÂNIA.** Irmã Margarida Batista das Dores, Provincial das Missionárias de Jesus Crucificado e Presidente Regional. Irmã Maria Dalva de Mello, Irmãs do Coração de Maria, Secretária Executiva Regional. **MANAUS.** Frei Roberto Sisk, Provincial Franciscano TOR, Presidente Regional. Irmã Yara Magalhães, Santa Dorotéia, Secretária Executiva Regional. **PORTO ALEGRE.** Irmão Pedro Ruedell, Provincial Lassalista e Presidente Regional. Pe. Eloy Oswaldo Guella, SJ, Secretário Executivo Regional. **RECIFE.** Pe. Bernardo Morissette, SJ, Presidente Regional. Irmã Maria Teresa Mrázová, Cónega de Santo Agostinho, Secretária Executiva Regional. **RIO DE JANEIRO.** Irmã Maria de Lourdes Machado, Provincial do Sagrado Coração de Maria, Membro da Diretoria Regional. Irmã Ana Lea dos Reis Meirelles, Religiosa da Assunção, Secretária Executiva Regional. **SALVADOR.** Ir. Carmen Soares Fernandes, Santa Dorotéia, Secretária Executiva Regional. **SÃO LUÍS.** Pe. Odilo Erhardt, Sagrado Coração de Jesus, Presidente Regional. Irmã Edna Maria Mesquita, Missionária Capuchinha, Secretária Executiva Regional. **SÃO PAULO.** Irmã Maria Benigna Goulart, Provincial das Irmãs do Bom Pastor, Vice-

Presidente Regional. Pe. Pasquale Filippeli, SDB, Secretário Executivo Regional. Irmão Nilso Antônio Ronchi, Marista.

Executivo Nacional. Frei Constâncio Nogara, OFM, Secretário Executivo Nacional. Irmã Helena Maria Ferreira, RSCJ, Secretária Executiva Nacional. Irmã Jeanne Maria Tierny, OSU, Equipe do Executivo Nacional. **Diretoria Nacional.** Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, Presidente Nacional. Irmã Irany Vidal Bastos, Provincial das Missionárias de Jesus Crucificado e Vice-Presidente Nacional. Pe. Luciano Mendes de Almeida, SJ, 2.º Vice-Presidente Nacional. Pe. Faliero Bonci, Provincial Claretiano e 3.º Vice-Presidente Nacional. Irmã Marta Maria Braccini, Superiora Geral do Coração de Maria e do Conselho Nacional. Irmã Elza Giovanna, Superiora Geral das Catequistas Franciscanas e do Conselho Nacional. Irmão Henrique Cristiano van der Maat, Provincial dos Fratres de Nossa Senhora da Misericórdia e do Conselho Nacional. **Conselho Superior.** Dom Inácio B. Accioly, Abade Beneditino e Presidente do Conselho Nacional. Coordenador do Seminário: Irmão Joaquim Pardini, Marista. **Assessor.** Pe. João Batista Libânio, SJ, Teólogo.

Linhas de ação

Desde 1970, a CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB) reúne anualmente por dez dias, sua Diretoria Nacional com os Presidentes e Secretários Executivos de suas Regionais, para a avaliação de programas e de trabalhos, para a prospecção de metas e de atividades. Consolidou-se, a partir de 1971, o esforço prioritário em torno das seguintes linhas: reflexão

teológica, dimensão intercongregacional, formação inicial e permanente, comunicação, interiorização geográfica e intercomunhão com os organismos de Igreja.

A própria conjuntura, seja da realidade concreta em que vivemos, seja da vida interna da Igreja, orientou recentemente a CRB também para outros campos, entre os quais merece destaque: a dimensão vocacional, o papel da mulher consagrada na sociedade e na Igreja, mas, sobretudo, a inserção dos religiosos na Igreja Particular. Com o crescimento da CRB no Brasil, com a fidelidade maior aos seus objetivos próprios, com a acentuada demanda por parte dos religiosos, julgou a Diretoria Nacional ser o momento de aprimorar e potenciar o processo de planejamento. Isto deu a esta reunião dos Diretores e Executivos Nacionais e Regionais da CRB, programada para 1975, este cunho novo e de extraor-

dinário alcance que haverá de ser fecundo: o **Seminário de Planejamento de um Regional da CRB.**

Alguns dos frutos destes dias do Seminário estão sintetizados nestas 137 páginas do **Relatório** embora ele não permita entrever bastante o que foi a vivência do processo. Há sempre muita distância entre a vida e a capacidade de expressá-la. Mas quem folhear aquelas páginas terá uma idéia da seriedade e do valor do empreendimento, do empenho dos participantes e da fundada esperança que se pode alimentar para o futuro da CRB. Além do conhecimento mútuo, da melhor capacitação para as funções, o Seminário permitiu aos participantes pensar em conjunto os enfoques específicos da Vida Religiosa no contexto eclesial do Brasil; situou bem a razão de ser e a posição da CRB a serviço dos religiosos, em sua referência seja às Congregações, seja aos outros organismos de Igreja.

VII ENCONTRO NACIONAL DAS SUPERIORAS GERAIS BRASILEIRAS

A CRB-NACIONAL promoveu, em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, o VII Encontro Anual das Superiores Gerais Brasileiras, nos dias 19 a 24 de abril, reunindo 49 Madres Gerais.

Participantes

IRMÃ AMARA MARIA DOS SANTOS, Irmãs de Nossa Senhora da Glória. IRMÃ ÂNGELA DETÓFULI, Franciscanas Filhas da Divina Providência. IRMÃ ANGELINA DE SÃO JOSÉ, Irmãs de Jesus na Santíssima Eucaristia. IRMÃ

ANA DE MATOS CASTILHO, Franciscanas do Coração de Maria. IRMÃ ANTÔNIA MARIA FERREIRA DA SILVA, Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida. IRMÃ ANTONIETA MACHADO DANTAS, Filhas de Santa Teresa de Jesus. IRMÃ EDITH ALMEIDA SABOIA, Missionárias de Santa Teresinha. IRMÃ ELZA GIOVANELLA, Catequistas Franciscanas. IRMÃ FELICY BRAGA, Mensageiras do Amor Divino. IRMÃ IRIA MACIEL PEREIRA, Mensageiras de Santa Maria. IRMÃ ISABEL DA TRINDADE, Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo.

IRMÃ IVONE DAS DORES DRUMOND, Missionárias de Nossa Senhora das Dores. IRMÃ LAURA DE JESUS MANUEL, Missionárias de Cristo Operário. IRMÃ MARIA AMÉLIA DE ANDRADE REIS, Irmãs de Santa Zita. IRMÃ MARIA ÂNGELA DE CASTRO, Franciscanas da Ação Pastoral. IRMÃ MARIA APARECIDA GUIMARÃES, Missionárias de Jesus Crucificado. IRMÃ MARIA AYDOS DOS SANTOS, Servas da Santíssima Trindade. IRMÃ MARIA PEDRA, Servas de Maria do Brasil. IRMÃ MARIA DO AMPARO, Filhas do Coração Imaculado de Maria. IRMÃ MARIA HELENA VASCONCELOS PAIVA, Servas do Coração de Jesus. IRMÃ MARIA HENRIQUETA NUNES LEAL, Carmelitas da Divina Providência. IRMÃ MARIA LÚCIA COSTA, Sacramentinas de Nossa Senhora. IRMÃ MARIA LUZIA LOPES DE AZEVEDO, Franciscanas do Sagrado Coração de Jesus. IRMÃ MARIA MADALENA SOFIA DA CRUZ, Pequenas Missionárias de Maria Imaculada. IRMÃ MARIA MONFORT, Irmãs da Imaculada Conceição. IRMÃ MARIA ROSÁRIO FALCÃO, Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho. IRMÃ MARIA VITÓRIA OLIVEIRA, Filhas de Maria Servas da Caridade. IRMÃ MARTA MARIA BRACCINI, Irmãs do Imaculado Coração de Maria. IRMÃ MIRTES DA SILVA GOMES, Legião de Nossa Senhora Rainha dos Corações. IRMÃ ODETE FREIRE, Instituto das Filhas de Nossa Senhora das Graças. IRMÃ OLÍMPIA GAIO, Franciscanas do Apostolado Paroquial. IRMÃ ROSITA PAIVA, Congregação das Josefinas. IRMÃ SEVERINA MESQUITA, Instituto Secular das Missionárias de Nossa Senhora de Fátima. IRMÃ SILVIA EYNG, Irmãs Paroquiais de São Francisco. IRMÃ TERESA WEISS, Irmãs Franciscanas da Santíssima Trindade.

IRMÃ UMBELINA SANTANA DA COSTA, Irmãs de Jesus Adolescente. IRMÃ VALDELÍCIA MARTINS DA SILVA, Congregação de Santa Teresinha. IRMÃ YOLANDA BETTENCOURT BOMBINHO, Congregação de Nossa Senhora dos Humildes. IRMÃ WALKÍRIA MARIA RODRIGUES, Servas da Sagrada Família. IRMÃ CLEIDE TEIXEIRA BARBOSA, Missionárias de Nossa Senhora de Fátima do Brasil. IRMÃ LUIZA REGINA DE MARIA, Pequenas Irmãs de Maria Imaculada. IRMÃ MARIA DAS DORES FERREIRA, Filhas de Maria Servas da Caridade. IRMÃ MARIA LÚCIA DA SILVA, Religiosas do Sagrado Coração de Jesus. IRMÃ MARIA DA SAGRADA FACE, Missionárias Carmelitas. IRMÃ GERALDA SOARES, Instituto Sagrado Coração de Jesus. IRMÃ MARIA TERESA DO ESPÍRITO SANTO, Carmelitas Servas dos Pobres.

Convidadas. Irmã Cecília Petry, Assistente Geral das Irmãs de Santa Catarina. Irmã Maria de Piro, Geral das Irmãs de Santa Dorotéia. Irmã Maria José Torres, Assistente Geral das Irmãs de Santa Dorotéia. **Assistentes.** Irmã Helena Maria Ferreira, Secretária Executiva da CRB Nacional. Maria Olinta Moraes Cerqueira, Secretária da CRB. **Conferencistas.** Frei Fábio Panini, OFM; Frei Inácio Larrañaga, OFM Cap; Irmã Jeanne Marie Tierny, OSU, Setor Vocacional CRB/CNBB; Dom João Batista Przyklenk, Bispo de Januária; Pe. Oscar Mueller, SJ; Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, Presidente Nacional da CRB.

O VII Encontro Nacional das Superiores Gerais Brasileiras teve como objetivos: **Primeiro.** Promoção da Vida Religiosa nas Congregações Brasileiras. **Segundo.** Intercâmbio de experiências entre as Madres Gerais. **Terceiro.** In-

formações aprofundadas e detalhadas sobre a União Internacional das Superiores Gerais (UISG) e a Conferência dos Religiosos do Brasil. **Quarto.** Aprofundar os seguintes temas:

1. Pastoral Vocacional, Irmã Jeanne Marie Tierny, OSU. 2. Orientação jurídico-canônica, Frei Fábio Panini, OFM. 3. Dimensão da Oração na vida. Experiências de oração, Frei Inácio Larrañaga, OFM-Cap. 4. Evangelização e Vida Religiosa, Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ. 5. Vivência eucarística na vida religiosa, Dom João Batista

Przyklenk. 6. A prática do discernimento nas experiências de renovação, Pe. Oscar Mueller, SJ.

Ano após ano, o Encontro Nacional das Superiores Gerais Brasileiras revela sua real utilidade sublinhando sempre novos aspectos de enriquecimento mútuo e de busca para um engajamento encarnado, prático e evangélico na Igreja do Brasil. São dias que entusiasma e impulsionam a caminhar crescendo em convicção no futuro da vida religiosa.

NOTÍCIAS BREVES

Padres salesianos

1. De 24 a 31 de maio realizou-se o Encontro Latino-Americano dos Provinciais Salesianos, em Cachoeira do Campo, Estado de Minas Gerais. Estiveram presentes: Pe. Luís Ricceri, Superior Geral; Pe. Egídio Viganò, Conselheiro Geral para a Formação; Pe. Juvenal Dho, Conselheiro Geral para a Pastoral dos Jovens; Pe. João Raineri, Conselheiro Geral para a Pastoral dos Adultos. E os Conselheiros Regionais: Pe. José Henriques: Antilhas, México e América Central; Pe. João Edmundo Vecchi: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. São 19 as Províncias Latino-Americanas da Congregação dos Padres Salesianos. Cada uma esteve presente com o seu Provincial e mais dois delegados.

2. De 2 a 7 de junho: Encontro Nacional dos Diretores de Colégios e Superiores Locais. Temas estudados sob a coordenação dos Conselheiros

Gerais: **As Constituições Salesianas**, fator de unidade e identidade. Guia concreto para orientar a vida da comunidade local e inspirar a coordenação e o governo. **A Oração:** momentos, conteúdo, espontaneidade. Como guiar pessoal e comunitariamente à oração. **A formação permanente na comunidade local**, instrumento de crescimento na vocação salesiana. **Uma pastoral a partir da escola.** Panorama do Brasil Salesiano.

Centro Teológico

O Centro Teológico de Estudos e Espiritualidade para a Vida Religiosa (CETESP/CRB) abre seu primeiro Curso, CETESP-I-1975, dia 6 de agosto, com 55 alunos, selecionados entre os 87 candidatos inscritos para as 50 vagas. Razões de caráter excepcional convenceram à Direção do CETESP a admitir este excedente às vagas. Os alunos representam 43 Congregações e Ordens, internacionais e brasileiras,

compreendendo Irmãs, Irmãos e Sacerdotes. Ocupam no momento os seguintes cargos:

Gerais	3
Provinciais	8
Conselheira Geral	1
Conselheiros Provinciais	12
Superiores Locais	12
Formadores	19

São provenientes de onze Estados do Brasil, assim distribuídos:

Rio de Janeiro	14
São Paulo	13
Rio Grande do Sul	8
Minas Gerais	7
Mato Grosso	4
Pernambuco	3
Santa Catarina	2
Ceará	1
Pará	1
Paraná	1
Piauí	1

Deste total de 55 alunos, 43 apresentaram Certificado de Conclusão de Curso de Nível Superior, o que representa 78,18% e os restantes 21,82%, Diploma de Curso Normal ou Equiparado, além de todos terem feito variados tipos de Cursos de Extensão, Reciclagem e Atualização, no país e no exterior.

Teologia de Vida Religiosa Universidade de Salamanca

Biênio de Licença em Teologia de Vida Religiosa. Departamento da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade de Salamanca. Os objetivos mais importantes do Instituto: Dar uma sólida fundamentação teológica da vida religiosa. Preparar verdadeiros especialistas em Teologia da vida religiosa.

Preparar aquelas pessoas que exercem uma pastoral entre os religiosos e as religiosas. Situar na verdadeira dimensão eclesial o valor da vida religiosa. Os alunos que terminam o curso recebem Licenciatura em Teologia com especialização em vida religiosa.

Para maiores detalhes: Instituto Teológico de Vida Religiosa. C/ Victor Pradera, 65, dpdo. Madrid — 8 Espanha.

Do Presidente da CLAR Ao Presidente da CRB

Tudo o que vi e fiz no Brasil foi tão agradável e enriquecedor para mim que guardo as melhores impressões destes quinze dias. Em Belo Horizonte, muito me impressionaram a Equipe da Diretoria e Executivo Regionais, o grupo de formadores, a experiência de formação que se realiza, os movimentos jovens, o florescimento das vocações, o Mosteiro das Beneditinas e o espírito que lá reina. Tudo me fez experimentar a esperança num futuro muito pujante e renovador para a vida religiosa. Mas o que me impressionou muito positivamente foi o grupo de religiosos da Diretoria e do Executivo Regionais. Trabalham muito unidos e numa atitude entusiasta e séria que muito promete.

Em São Paulo participei da Assembleia Regional. Grande é o interesse de aprofundar a experiência espiritual e o conhecimento da própria vocação. O ambiente de fraternidade e de trabalho responsável me deixaram com água na boca. Pe. Marcello, fico-lhe muito agradecido por tudo, e lhe felicito pelo espírito e pela boa organização tanto na Conferência Nacional como nas Regionais.

Meu fraterno abraço. **Pe. Carlos Palmès, SJ**, Presidente da CLAR.

EVANGELIZAÇÃO E AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Pe. Oscar Mueller, SJ

O tema do terceiro Sínodo dos Bispos é certamente o problema número um da Igreja de todos os tempos, mas se torne mais urgente neste nosso tempo, caracterizado por uma profunda e acelerada mudança cultural. Qual a maneira hoje conveniente para anunciar o Evangelho?

A resposta do Sínodo foi que não há uma única maneira, mas muitas maneiras de anunciar o único e mesmo Evangelho de Jesus Cristo. Mas dentro destas muitas maneiras, quais são os elementos comuns, fundamentais, "católicos", que realizam sempre, debaixo das variadíssimas formas, o crescimento do Reino de Deus, na inserção vital em Cristo, Filho de Deus feito homem para que os homens se tornem filhos de Deus, em Cristo e por Cristo?

Esta inserção vital em Cristo é obra do Espírito Santo que "receberá do que é meu e vo-lò anunciará" (Jo 16,14). Estudaremos nesta nossa reflexão a ação do Espírito Santo na obra da evangelização.

1. O que é evangelização, essencialmente

Evangelizar é fazer que os homens conheçam, compreendam e vivam a Boa Nova, trazida por Cristo. Em Cristo os homens são convidados à participação da plenitude da sua vida humano-divina. Esta vida tem um conteúdo riquíssimo, vivido na história da Igreja e da humanidade, estudado e exposto, num esforço incançável, nos documentos e tratados dos pastores e doutores.

Diante desta riqueza já inabarcável pela capacidade intelectual de um só homem sentimos a necessidade de uma hierarquização de valores, para sabermos que valores são os mais fundamentais, sem os quais já não há inserção em Cristo e os quais, presentes numa pessoa, lhe garantem esta inserção. O Concílio Vaticano II nos autorizou para esta procura de hierarquização e nos facilitou a tarefa através de seus decretos (UR 11,793).

Procurando formular os elementos mais fundamentais da mensagem evangélica, encontramos estas duas palavras: **O Pai vos ama. Amai-vos uns aos outros.** O amor mútuo, Jesus o chama o meu mandamento, o novo mandamento. Não é propriamente um novo mandamento, pois ele exprime o que desde o início é a orientação fundamental da natureza humana que se realiza em plenitude na doação de amor. (Veja a atitude dos esposos no matrimônio). Contudo é novo na validade absoluta para todos os homens em todas as situações da sua vida e como condição indispensável para participar do dom da revelação cristã que é o amor do Pai. Para Jesus é o meu mandamento, porque ele foi o único que o viveu sem falha nenhuma, cumprindo esta atitude de amor sempre, também em situações difíceis onde nós facilmente falhamos, assim nos merecendo a graça de também cumprirmos este preceito em qualquer situação da vida. Nesta força do Espírito que nos ajuda a sempre amar, este mandamento ainda é novo. Não somos somente nós que amamos, mas o Espírito de Deus ama em nós.

A grande revelação do Evangelho é esta verdade estupenda: Quem se coloca na atitude de amor ao próximo, é amado por Deus como filho, em comunhão de vida com ele, agora inicialmente como realidade atuante mas escondida, depois da morte na manifestação plena de toda a sua riqueza.

Vemos então os elementos fundamentais do Evangelho nestas duas verdades correlatas: O Pai vos ama. Amai-vos uns aos outros. São correlatas do seguinte modo: Ninguém pode ser amado como filho, se ele não estiver aberto ao amor dos irmãos, e esta abertura ao amor dos irmãos é suscitada e sustentada pelo amor que o Pai nos tem. Há duas etapas na ação de Deus sobre nós. A primeira é o tempo em que a graça atual nos está iluminando e estimulando para que nos abramos ao amor do próximo, "seguindo a nossa consciência, levando uma vida reta" (LG 16,42). Quando então em livre doação seguimos este estímulo e de fato assumimos a atitude de amor fraterno, de vida reta, naquele momento somos feitos filhos de Deus. Deus vem e faz morada em nós (Jo 14,23). Isso acontece em qualquer parte do mundo e com qualquer pessoa, também com um ateu que nem crê em Deus, mas segue a sua consciência (LG 16,42).

É bom notar o seguinte: A união do homem com Deus, a elevação dele à comunhão vital com Deus, é obra unicamente de Deus, do seu Espírito Criador. Como a criação do homem e a encarnação do Filho de Deus foram obra de Deus e iniciativa espontânea do seu amor, assim, também o é o "nascimento

do alto" (Jo 3,3) de cada pessoa. O que o homem pode e deve contribuir é colocar-se em condição tal que possa ser unido a Deus por obra d'Ele. Esta condição está em querer viver a sua vida conforme "o ditame da sua consciência", querer viver "vida reta", fazer o bem principalmente ao próximo. Pois quem cumpre este preceito, cumpre a lei toda (Rom 13,8).

Sob este aspecto não nos precisamos ocupar muito em saber como Deus faz esta união conosco. Ele é o Criador e nos fez para isso. O importante é viver e conservar-nos sempre naquela condição indispensável para a união com Ele. O Deus-Amor não se pode unir a quem não vive no amor. E quem vive no amor, vive em Deus, pois Deus é amor (1 Jo 4,8).

O Evangelho é a mensagem que nos anuncia que Deus nos faz seus filhos, se nós nos amamos mutuamente. Isso nos foi revelado pela vida e pela palavra de Jesus. Crer em Jesus Cristo é crer nesta verdade da qual Ele nos veio dar testemunho. Evangelizar visa levar os homens ao conhecimento e à vivência desta mensagem de Jesus.

2. Como acontece evangelização

Sendo a união com Deus obra da iniciativa de Deus, também na evangelização o papel mais importante cabe à iniciativa de Deus. A ação humana consiste em colaborar com a iniciativa de Deus para que ela seja acolhida devidamente.

Deus quer salvar todos os homens. Cristo morreu por todos, me-

recendo-nos a graça da salvação. Esta graça está movendo continuamente todos os homens a se abrirem ao amor fraterno. Há uma luz interna que os faz compreender esta orientação da sua vida, em cada situação. E há um movimento impulsionador na vontade do homem para que ele se coloque concretamente dentro desta orientação. É um "bater à porta", um pressionar da parte de Deus para que o homem se abra ao amor. Quando então o homem cede a esta pressão da graça, abrindo-se ao amor, internamente se sente bem, se sente no seu lugar certo, tem dentro de si uma promessa de felicidade, se acha em paz. No primeiro caso, da iluminação e moção, tradicionalmente falamos da graça atual. No segundo caso, da felicidade interna e da paz, falamos da graça santificante. No primeiro caso se trata da preparação; no segundo caso, da realização da justificação.

A colaboração do homem para que a graça de Cristo seja devidamente acolhida consiste principalmente no anúncio da palavra. Num primeiro ensaio de evangelização os 72 discípulos foram enviados "por todos os lugares para onde ele tinha de ir" (Lc 10,1). Os discípulos que somos nós, somos enviados a todos os homens onde Jesus já chegou. Ainda não em plenitude. Mas chegou. Sua graça já está trabalhando, já preparou o terreno, já lançou a semente. Que é então evangelizar? Como acontece a evangelização?

A palavra anunciadora tem diferentes funções conforme a situação da pessoa à qual se dirige. Se alguém já está aberto ao amor fra-

terno, fazendo o que a consciência lhe diz, a palavra evangelizadora confirma esta atitude como correspondente à vontade de Deus e anuncia à pessoa que ela já é aceita como filha de Deus, agora e na eternidade. E à pergunta: em que se baseia esta afirmação, respondemos que ela se baseia na vida e palavra de Cristo. E se ela quiser saber mais, convidamo-la a conhecer e a participar da vida cristã na Igreja Católica. Constatamos, portanto, que a esta pessoa Cristo já chegou antes de nós. Esta chegada de Cristo porém não foi conscientizada. É necessária nossa palavra para que a pessoa descubra a realidade profunda da sua vida, viva-a com gratidão e alegria e a faça conhecida também aos seus amigos que estão na mesma situação de "não conhecer o dom de Deus e quem é aquele que lhe está falando" (Jo 4,10). Pois sem eles o saberem Deus lhes está falando no interior, movendo-os a viverem como irmãos dos homens e filhos de Deus. Deus lhes falou e eles seguiram, mas não tinham conhecimento explícito disso.

Se alguém ainda não está aberto ao amor fraterno, não fazendo o que a consciência lhe diz, diante desta pessoa, há duas maneiras de evangelizar: a primeira é insistindo na necessidade do amor fraterno; a segunda é anunciando a oferta que Deus faz aos homens de serem seus filhos agora e sempre. Falando sobre a necessidade do amor fraterno, sabemos que podemos contar com a graça de Cristo que está movendo esta pessoa, apresentando-lhe o amor fraterno como um ideal autêntico, algo que torna feliz os homens,

e fazendo-lhe perceber que sem amor fraterno não há felicidade nem para ela nem para os outros.

Anunciando a oferta que Deus faz aos homens de serem seus filhos, contamos com a aspiração natural da pessoa a uma vida de plena felicidade que só se encontra em Deus. Contamos com a moção interior da graça que torna pequena e insatisfatória toda a alegria que vem das criaturas, suscitando o desejo do absoluto e infinito. Ao mesmo tempo esta pessoa deve ser preparada ao amor fraterno, pois sem esta atitude fundamental a aspiração ao encontro com o absoluto não leva à sua realização.

O problema mais sério para este anúncio da oferta de Deus e da necessidade do amor fraterno está no fechamento, na desconfiança e na descrença contra o amor, amor de Deus e amor dos homens. Esta descrença infelizmente é por demais espalhada, por muitos motivos que aqui não podemos enumerar.

Daí emerge com uma urgência toda particular o imperativo seguinte: Toda a evangelização precisa ser precedida, embasada e sustentada por um testemunho inequívoco de autêntico amor fraterno. A palavra evangelizadora que exorta ao amor fraterno e fala do amor de Deus produzirá pouco efeito, se ela provir de alguém que não vive no amor. Quem evangeliza deve evangelizar antes de tudo pelo testemunho de vida, vida de amor de Deus e do próximo. Ele assume este trabalho de evangelizar, porque vive na felicidade do amor de Deus e gostaria que os outros também vivessem des-

ta felicidade. Ele sabe que esta felicidade é comunicada pelo próprio Deus a qualquer coração aberto ao amor do próximo. Ele sabe também que o coração do homem não se abre ao amor por ameaça ou por obrigação ou por medo ou constrangimento. O amor é livre e nos liberta para que queiramos atingir a meta proposta: a felicidade através do amor. Evangelizar é então antes de tudo testemunhar, pela vida e pela palavra que a plenitude da vida está no amor, amor de Deus e amor do próximo.

3. A missão da Igreja

Igreja é aquele grupo de homens que, abrindo-se à mensagem anunciada por Cristo, estão vivendo-a e se empenham em fazê-la chegar a todos os homens. Este empenho de viver o Evangelho e fazê-lo viver pelos outros é de todos os que já o compreenderam. Mas para garantir que houvesse continuidade e autenticidade na transmissão da mensagem evangélica o próprio Cristo cuidou de encarregar especialmente alguns entre os discípulos para serem os apóstolos, os suscitadores, animadores e conservadores da fé, sob a chefia de Pedro e de seus sucessores. Cristo deu assim a este grupo de discípulos uma estruturação fundamental que permitisse a propagação do Evangelho sobre toda a terra até o fim da história. Todos os que entram neste grupo e os que nele assumem um ministério para isso são movidos interiormente pela graça do Espírito e exteriormente pelo exemplo e pela palavra dos seus irmãos mais velhos que já despertaram para a fé e nela vivem.

Assim toda a Igreja é missionária, devendo anunciar pela vida e pela palavra que sempre podemos confiar no amor de Deus, nesta e na outra vida, contanto que sinceramente nos esforcemos a amar os irmãos.

São pois estas as duas linhas fundamentais da missão da Igreja: Anunciar que todos os homens são chamados a se tornar filhos de Deus, e que para isso devem se esforçar para se amarem mutuamente. Urge então para a própria Igreja que ela se dê o máximo empenho para a vida de amor fraterno com todos os homens, que este amor seja visível e se estenda a todos que podem ser atingidos. Sem este empenho de amor fraterno a palavra anunciadora do amor de Deus é pouco convincente, embora ela seja sempre verdadeira.

Ela sempre é verdadeira. Pois Deus é amor. Deus sempre pode suscitar a compreensão do seu amor naqueles que ouvem a palavra anunciadora do seu amor. Por isso a palavra é eficaz também se vem de alguém que não a vive. Mas em tal caso a sua eficácia é diminuída, obscurecida. O exemplo menos bom desfaz a impressão luminosa que a palavra é destinada a produzir. A contradição entre palavra e vida confunde a pessoa e a desnor-teia.

Ainda mais. Constatamos que a situação mais favorável para despertar numa pessoa a fé no amor de Deus é o gesto de amor fraterno que ela faz ou que ela recebe. É espontânea no homem a passagem da experiência do amor humano para a fé no amor de Deus. E é difícil crer

no amor de Deus baseado apenas na palavra que fala de amor, mas não o testemunha na atitude vivida. Os portadores do Evangelho deveriam falar menos e amar mais ou, em todo o caso, primeiro amar e depois falar. Tão intenso e verdadeiro deveria ser o testemunho de amor dos cristãos, mensageiros evangélicos, que os homens espontaneamente fossem levados a perguntar: "Donde vem que vocês nos amam assim?" Então caberia bem a palavra anunciadora: "É estimulados e sustentados pelo amor de Deus que temos força e alegria em vos amar assim." E facilmente seguiria a explicação ulterior do Evangelho.

Será que a Igreja é chamada a fazer entrar nela todos os homens? Nos dois mil anos que ela existe não o conseguiu. Apenas uma quinta parte da humanidade é cristã. O Concílio Vaticano II estabeleceu claramente que a extensão do Reino de Deus vai além das fronteiras da Igreja. Ela não é a reunião de todos os remidos, é apenas a reunião dos batizados. Ela é sacramento da salvação de todos. Esta, a salvação, é obra do Espírito Santo que faz filhos de Deus todos os homens de boa vontade. A Igreja deve reconhecer isso e anunciá-lo a todos, ao mesmo tempo que ela os convida a entrar no seu seio para que mais plena e explicitamente vivam no amor de Deus para o amor dos irmãos. Na Igreja não podem nem devem entrar senão aqueles que ouviram e compreenderam que este é o caminho oferecido e desejado por Deus. Os que não ouviram ou que, ouvindo, não compreenderam, devem seguir onde estão, amando os

irmãos e nisso confiando no amor de Deus que também a eles perdoa os pecados dos quais se arrependem e lhes oferece a felicidade da vida eterna. Este é o anúncio que a Igreja deve dar a todos. Pois o Espírito sopra onde quer e faz filhos de Deus aqueles que Ele encontra amando os irmãos, trabalhando pela justiça e a paz.

4. Atenção à ação do Espírito

A missão da Igreja, às mais das vezes, é vista na sua formulação externa e não se dá a devida atenção ao movimento interior que acontece dentro da qual a formulação externa é indício e expressão. O que vale, o que está na origem de tudo, é o movimento interior, o viver da pessoa, o seu pensar e querer.

"De muitos modos Deus falou aos homens, ultimamente por seu Filho" (Hebr 1,1-2). Esta fala de Deus nós a conhecemos pelo que os profetas e ultimamente o Filho nos manifestaram. Aconteceu sempre um movimento interior na pessoa do profeta e também do Filho e estes depois nos falaram do que tinham percebido no seu interior. Ainda nas teofanias apresentadas como externas (para Moisés a sarça ardente, para Paulo a aparição de Cristo em Damasco) o decisivo foi aquilo que a pessoa percebia no seu interior e comunicou a nós. Esta comunicação se fez em palavras e imagens que correspondiam à situação cultural em que a pessoa se achava. O importante, o decisivo, a comunicação de Deus, era aquele movimento interior de percepção. Em outra época e cultura este movimento teria en-

contrado uma expressão diferente, embora visasse a manifestação do mesmo fato interior.

Devemos então afirmar que a ação do Espírito é antes de tudo aquele movimento interior no qual a pessoa percebe a comunicação de Deus. A sua formulação na expressão cultural já é obra do homem. Somos hoje particularmente sensíveis para a problemática que esta constatação está suscitando. Os estudos sobre a hermenêutica e o estruturalismo dão testemunho disso.

Para nós, neste complexo de problemas, interessa o seguinte: O mais importante na evangelização é que os homens se abram à ação do Espírito que age no seu interior, levando-os a todos e sempre na mesma direção de crerem no amor de Deus que os quer envolver na comunhão vital consigo e de se abrirem ao amor dos irmãos na atitude de amor fraterno.

Este movimento interior sempre existe, sempre é ação do Espírito, ainda que nem sempre seja captado e expresso nos termos justos, exatos, correspondentes à realidade que eles querem expressar. Assim se devem considerar todas as formas de religião e em certos casos o próprio ateísmo como formas imperfeitas do único e mesmo movimento íntimo que o Espírito suscita nos corações dos homens.

Nesta afirmação supomos um plano providencial de Deus que conhece a dificuldade do homem de encontrar a forma adequada das suas vivências interiores. Plano este que conduziu um povo de tal modo que

a religiosidade dele achasse expressões cada vez mais condizentes com a realidade íntima da comunhão com Deus, culminando na vida, morte e ressurreição do Filho de Deus encarnado, no qual a correspondência entre o que ele vivia e a sua expressão nas atitudes, gestos e palavras alcançou a perfeição suprema, insuperável.

Mas ainda assim as atitudes, gestos e palavras do Filho de Deus são situados num clima cultural determinado, vivido por Jesus e seus discípulos, os evangelistas. Esta expressão cultural é humana, criatural, limitada e, portanto, destinada a evoluir, a se adaptar a novas e diferentes situações culturais, exigindo de cada época e de cada geração um esforço de tradução e adaptação. Ao magistério da Igreja cabe a tarefa de garantir a autenticidade desta tradução e adaptação, para que as novas e diversas formas de expressão correspondam sempre à ação do Espírito no interior do homem. Correspondam nos dois sentidos: ser expressão adequada da ação do Espírito e levar o homem à abertura a esta ação.

Estamos então diante de um fato sumamente interessante e importante para a evangelização: O Verbo de Deus é a luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo (Jo 1,9). A ação do Espírito é uma só, movendo todos os homens no seu íntimo. Há na Igreja Católica um conhecimento e uma expressão autêntica desta ação do Espírito, conhecimento e expressão que, ainda sendo formas criaturais e limitadas, não esgotam toda a possibilidade de expressão da mesma verdade viven-

cial. A Igreja certamente tem a consciência vital da sua riqueza e a diz de modo conceptual mais preciso. Mas ela não pode abarcar, na limitação cultural em que ela viveu até hoje, todas as formas concretas e simbólicas em que o homem pode e precisa fundir sua vivência do amor de Deus e do amor dos homens.

Nesta perspectiva aparece particularmente importante a distinção entre vida e liturgia (culto). A ação do Espírito no interior do homem leva antes de tudo à vida de amor de Deus e dos homens; vida de amor aos homens, dentro do condicionamento de cada situação pessoal e social. Tal vida de amor pode ser vivida autenticamente por alguém que venera a Deus por um culto errado. Certamente um culto errado dificulta a vivência certa do amor, mas não a torna impossível. É demais comum entre os homens a falta de lógica vivencial. Quântos cristãos, sabendo a doutrina certa e praticando um culto certo, não vivem no amor que a doutrina e o culto e a ação do Espírito querem suscitar! E quântos não-cristãos, tendo uma doutrina e um culto errados, vivem seguindo a ação do Espírito numa vida de amor a Deus e aos homens! Fala-se hoje em ortodoxia e em ortopraxia: crer o certo e viver o certo. O ideal é unir os dois. Mas na dificuldade, hoje bem evidenciada, de dar expressão adequada à vivência interior, suscitada pela ação do Espírito, devemos estar atentos ao fato de muitos homens seguirem vivendo o amor de Deus sob formas falsas (inadequadas) de doutrina e culto. Eles têm a ortopraxia sem a ortodoxia.

A ação do Espírito não se limita ao movimento interior da pessoa, mas influi também na formulação-expressão adequada deste movimento interior. Mas sabemos que neste campo da formulação-expressão a força dos condicionamentos culturais e psicológicos é particularmente forte, oferecendo resistência à ação do Espírito Santo. Convém que examinemos estas resistências num capítulo seguinte.

5. A resistência ao Espírito

A resistência fundamental ao Espírito está em não querer amar, em não querer amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a si mesmo ou, na formulação do Novo Testamento, como Cristo nos ama (Jo 15,12). Onde há um querer sincero e esforçado de seguir o que a consciência da pessoa apresenta, ali há abertura ao Espírito e ajuda d'Ele para realizar este amor na expressão e na atitude da vida, e expressão e atitude acertadas.

Ora, na história da Igreja e na situação hodierna existem muitas expressões e atitudes não acertadas e que, portanto, não evangelizam, não levam ao amor como convém. E isso não por falta do querer. Donde vêm estas dificuldades?

O amor é vida, vida para a vida dos outros. Cristo, na palavra do evangelista São João, caracterizou assim sua vida: "Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância" (Jo 10, 10). Atitude de amor é dar toda a atenção para que o outro tenha a vida, a vida dele, nas condições e possibilidades dele, e portanto nas formas variadíssimas

em que esta vida dele se possa expandir, crescer, plenificar. As formas de expressão estão ao serviço da vida do outro, para o bem-estar vital dele.

Amar assim exige como condição psicológica a indiferença afetiva quanto às formas de expressão. Não devo impor ao outro a forma de expressão de que eu gosto, mas devo favorecer nele a forma conveniente para ele. Devo-me fazer indiferente às diversas formas para poder favorecer aquela mais conveniente para o outro. Não indiferente quanto à verdade da forma de expressão. Ela deve ser uma autêntica forma de amor. Mas indiferente quanto ao apego ou à resistência afetiva em relação à esta ou àquela forma verdadeira. Tal indiferença afetiva não é fácil, é até bastante rara e damos pouca atenção a ela. Pois este aspecto da pessoa foi pouco estudado. Atribuiu-se à falta de boa vontade ou à falta de verdade o que é falta de indiferença afetiva.

Tomemos o caso concreto do latim na santa missa.

Quanto à verdade desta forma: É uma forma legítima, de longa tradição, com vantagens para significar a unidade de todos os que pertencem à Igreja. Na celebração da missa em latim durante séculos o Espírito encheu os fiéis com o amor de Deus e do próximo. A forma latina, porém, não favoreceu a compreensão daquilo que acontecia na missa e o texto incompreensível não ajudou a iluminar e estimular a vivência da vida cristã.

Quanto à situação afetiva da pessoa diante desta forma: Há pessoas

que pelo costume ficaram tão ligadas a esta forma tradicional que nem hoje admitem as mudanças que foram introduzidas por legítimos motivos, para melhor iluminar e estimular a vivência dos participantes. E há outros que pela forma latina se sentem tão incomodados que preferem não assistir missa. Pois não conseguem abstrair da forma externa para buscar o valor interno que sempre existe em qualquer missa.

Dizemos então que o amor exige uma indiferença afetiva diante das diversas formas: missa em latim ou em vernáculo. Devo ser capaz de preferir aquela forma que mais favorece a vida do outro. Assim foi São Paulo que se fez tudo para todos, para a todos ganhar para Cristo. Minha afetividade prefere a forma que mais favorece a mim, meu gosto, minha vivência, minha comodidade. O amor prefere o que mais convém para o outro crescer, conforme o gosto dele, a comodidade dele, a vida dele. A afetividade, fixada em certas formas, indispõe a pessoa a mudar para outras formas igualmente legítimas e preferidas por outras pessoas. Indispõe, portanto, à adaptação necessária para que os outros tenham a vida. Neste sentido a afetividade opõe resistência à ação do Espírito.

As causas que provocam tal fixação afetiva são várias. Enumeremos as mais frequentes:

◆ A pessoa encontrou o seu caminho, o seu modo de viver no amor. Tendo muito refletido e lutado para encontrar este seu modo, facilmente vê nele o modo ideal, julgando que é o melhor. Tal pessoa afetivamente

é levada a querer impor este modo também aos outros e a rejeitar outros modos.

◆ Na sensibilidade da pessoa há sempre uma tendência à uniformidade do modo de proceder. Os sentimentos gostam de poder se expandir com facilidade. Para isso desejam encontrar no ambiente formas iguais, familiares, oferecendo um campo aberto para a sua afirmação. Pelo mesmo motivo a sensibilidade se sente obstaculada, incomodada, ferida por outras formas não sintonizadas com ela e a elas se opõe. É a força do costume que não quer ser incomodado.

◆ Pessoas inseguras colocam sua segurança num modo externo de se comportar e nele querem ser estimadas e valorizadas. Elas vêm nesta valorização do seu modo de se comportar uma valorização da sua pessoa. Por isso querem ver respeitada a sua forma, desejando que os outros também a adotem. Num outro estilo de vida elas vêm uma desvalorização do seu estilo e, portanto, a estes outros estilos se opõem.

◆ Outra atitude de intolerância é provocada pelo desejo de se impor aos outros. Como não se podem impor maneiras internas de ser, a imposição se dirige às formas externas como maneira de manifestar a si mesmo a superioridade sobre os outros.

A única maneira legítima de favorecer a uniformidade de comportamento é demonstrar sua validade: ♦ Como sendo uma forma que corresponde a atitudes fundamentais do homem (de todos os tempos, raças

e culturas). ♦ Como manifestação da unidade interior de intenções, em momentos (raros) onde esta unidade merece ser vivida em assembléia comum. ♦ Como forma concreta de vivência do amor dentro de um grupo de situação cultural homogênea, com grupo menor de gente numa determinada região.

Para que nossa maneira concreta de evangelizar não oponha resistência à ação do Espírito, devemos ter muita abertura para as necessidades da vida de quem é evangelizado. Abertura de mente para descobrir a verdade de formas diversas e novas, adaptadas às novas vivências que vão surgindo. Indiferença afetiva, sem a qual não pode haver tal abertura nem na teoria nem na prática.

Abertura e esforço que levem a encontrar formas de evangelização que sempre de novo iluminem, fortaleçam, sustentem a pessoa na atitude correspondente à Boa Nova. E já que se trata de atitudes vitais, envolvendo o homem todo, a sensibilidade própria da raça, da região e da época cultural precisa ser respeitada e aproveitada. Estamos na Igreja neste processo de adaptação e aculturação, mas ainda estamos longe de alcançar um resultado satisfatório. Este será fruto da colaboração de muitas pessoas, no decurso de gerações. As dificuldades e divergências humanas não podem impedir o Espírito a soprar onde quer e como quer, suscitando o amor de Deus e dos homens. A ação do Espírito é soberana, penetrando no íntimo dos corações e lá suscitando a procura da verdade e

do bem. E onde o homem procura com sinceridade, lá se estabelece o Reino de Deus, pela graça redentora de Cristo.

6. Os religiosos e a ação do Espírito Santo

Nesta perspectiva da evangelização se destaca com certa importância o papel dos religiosos. Estes, pela orientação da sua vida, dão atenção especial e desenvolvimento sério à vivência do amor de Deus e dos homens. Testemunhando, pela graça de Cristo, que este amor é possível ainda nas circunstâncias mais adversas, os religiosos são particularmente abertos à percepção desta vivência nos outros, descobrindo-a ainda sob formas diferentes e até erradas. Viver do amor de Deus para o amor dos homens é o sentido da vida dos religiosos.

Há, portanto, a absoluta orientação de tudo para este testemunho. Tudo que se faz ou não faz na vida religiosa é determinado por este fim: dar testemunho do amor. As diversas atividades assumidas pelos religiosos o são legitimamente, enquanto e na medida em que são maneiras de testemunhar este amor. Há, portanto, na vida religiosa uma atenção profissional, de especialista, à vida de amor como coisa decisiva na vida das pessoas.

Ao mesmo tempo há uma atenção especial às formas expressivas desta vida de amor. Pois testemunho não é visível, quando as formas expressivas não correspondem à vivência. Na vida religiosa estas formas são procuradas. Os religiosos

têm a tarefa, a capacidade e o tempo de examinar e experimentar as formas mais convenientes de expressão para a vivência de amor nas diversas circunstâncias culturais e pessoais. A partir do fundador, que viveu em circunstâncias particulares do seu tempo e lugar, os religiosos de uma congregação foram vivendo o mesmo ideal dele em circunstâncias novas, não só do tempo que avançou, mas também dos espaços geográficos e culturais. Eles têm pois experiência grupal diversificada, mas transmitida ao grupo todo, capacitando-os de um modo vivencial a compreender que a mesma atitude íntima de amor pode ser expressa em formas variadíssimas e onde a atenção, por força da vocação, se fixa não na variedade das formas como tais, mas na sua aptidão de expressar uma mesma atitude interior de amor.

Os religiosos portanto são particularmente capacitados a ajudar a Igreja toda a descobrir nos homens a atitude interior do amor de Deus e dos homens e a desenvolver as formas convenientes de suscitá-la, expressá-la e conservá-la. Quem vive no amor, percebe o amor do outro ainda sob formas rudimentares, desajeitadas, inadaptadas. O coração que ama sintoniza com o coração do outro que é chamado e movido a amar também. O Espírito diz ao nosso espírito que somos filhos de Deus (Rom 8,16). "Não vos preocupeis o que haveis de falar. Não sereis vós quem falareis, mas é o Espírito do vosso Pai que falará em vós" (Mt 10,19). O principal é descobrir no outro o amor que o move, esclarecê-lo e confirmá-lo neste amor.

ECUMENISMO E EVANGELIZAÇÃO

Frei Raimundo Cintra, OP

A íntima conexão e a implicação mútua destas duas realidades foram enunciadas pelo próprio Cristo e nos foram referidas por João no seu Evangelho. Na chamada Oração Sacerdotal, que é antes uma Oração pela união dos cristãos (cronologicamente a primeira Oração pela unidade, feita pelo próprio fundador do Cristianismo), encontramos estas frases: "Não rezo somente por estes que aqui estão, rezo também por aqueles que crerão em mim por causa da pregação deles, **para que todos sejam um, como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, a fim de que eles também estejam em nós, de modo que o mundo creia que tu me enviaste. . . para que sejam consumados na unidade**" (Jo 17,20-23). A unidade dos discípulos deverá manifestar ao mundo que Jesus é de fato o enviado do Pai e um com

Ele, porque esta união é uma participação no mistério da unidade de Jesus com seu Pai. Ela será, por conseguinte, um sinal de credibilidade da própria missão evangélica dos Apóstolos, participação da missão divina de Jesus. Por parte dos cristãos será uma manifestação da obra de Deus no mundo.

Este desejo do Cristo, expresso com tanta insistência nessa oração, não foi inteiramente realizado através da história. O espetáculo de nossas divisões continua sendo um escândalo para os que não crêem em Cristo. O Pe. Yves Congar, em várias passagens de seus livros, conta um episódio significativo a este respeito (1). Em 1910, na Assembleia missionária protestante de Edimburgo, um delegado do Extremo Oriente, dirigiu aos congressis-

tas estas incisivas palavras: "Enviastes-nos missionários que nos anunciaram Jesus Cristo. Ficamos-vos muito gratos por isto. Mas trouxestes-nos também as vossas divisões: uns pregam o luteranismo, outros o metodismo, o congregacionalismo ou o episcopalismo. Pedimos-vos que nos pregueis o Evangelho e que deixeis Jesus Cristo mesmo suscitar no seio de nossos povos, pela ação de seu Espírito, a Igreja que seja conforme às suas exigências mas que seja também conforme à índole de nossa raça. Teremos então a Igreja do Cristo no Japão, a Igreja do Cristo na China, a Igreja de Cristo na Índia, libertada de todos os "ismos" com que sobrecarregais a pregação do Evangelho entre nós". Esta declaração causou uma profunda impressão na Assembléia e particularmente em Carlos Brent, um de seus organizadores. Este promoveu então a fusão dos diversos movimentos: "Fé e Constituição", "Fé e Ordem", de que resultou afinal o **Conselho Mundial das Igrejas**.

O Sínodo dos Bispos reunido em Roma, em 1974, convidou os Bispos do mundo inteiro a refletirem sobre estes problemas. No decorrer da Assembléia deram-se importantes intervenções sobre o novo contexto e a nova formulação da atividade missionária da Igreja, bem como sobre os encontros com os não católicos e os não cristãos nas áreas de evangelização. Inserindo-nos nas perspectivas que foram apontadas por muitos dos participantes do Sínodo, vamos examinar neste ensaio os seguintes pontos:

1. O que é o Ecumenismo hoje.
2. O que é a Evangelização do mun-

do contemporâneo. 3. O problema das relações entre a Missão e o Ecumenismo.

1. O que é o Ecumenismo hoje

Não é possível descrever aqui as diversas etapas do Ecumenismo, dentro e fora da Igreja Católica ou antes nas relações desta Igreja com as Igrejas ortodoxa e protestante. Há livros excelentes e quase exaustivos sobre estes temas (2). Vamos apenas recordar alguns acontecimentos importantes, que devem servir de pano de fundo ao nosso estudo.

Breve síntese histórica

As datas mais importantes, algumas decisivas, da separação e dos ensaios de aproximação são os seguintes: Em 1054 consumou-se a grande ruptura entre Roma e Constantinopla, com leitura da Bula de excomunhão pelo delegado do Papa contra Miguel Cerulário. Esta ruptura fora precedida pelo Cisma do Patriarca Fócio em 867 e de maneira mais remota pela condenação do Nestorianismo no Concílio de Éfeso, em 431, do Monofisismo pelo Concílio de Calcedônia em 451 e dos Iconoclastas pelo II Concílio de Nicéia, em 787. Em torno de Constantinopla reuniram-se as Igrejas de Antioquia, de Jerusalém e de Alexandria. Não falamos das minorias orientais que ficaram fiéis a Roma. Somente 220 anos após o Cisma de 1054 é que, no Concílio de Lyon, em 1274, tentou-se uma aproximação ou volta à unidade. Apesar da boa vontade e da sinceridade demonstrada por elementos das duas Igrejas, as decisões desse Concílio

jamais foram executadas. Fracassou também o Concílio de Florença, reunido quase duzentos anos depois, em 1438-39 com a mesma finalidade. Depois disso, apesar da volta a Roma de algumas Igrejas locais (Armênios, Jacobitas, etc.), não houve mais nenhuma tentativa de aproximação em grande escala. Houve, pelo contrário o afastamento de Roma das Igrejas da Romênia, Bulgária, Sérvia, Rússia, etc.

Em 1520 sobreveio a condenação de Lutero por Leão X, exarada na Bula **Exsurge Domine**. Em 1536, em Genebra, Calvino adota a Reforma. Aparecem no século XVI e seguintes as outras Igrejas, denominadas reformadas, protestantes ou evangélicas. Em 1729 surge o metodismo de John Wesley, em 1875 forma-se a Aliança presbiteriana. No século XIX e XX aparecem inúmeras outras Igrejas ou seitas. A Igreja anglicana ocupa um lugar a parte. Resultante da separação iniciada por Henrique VIII, em 1534 e consumada pela Rainha Elizabeth, em 1559, aceita muitos princípios da reforma luterana, mas conserva muitos elementos do acervo doutrinário e litúrgico da Igreja romana. Até o século XIX, as tentativas de aproximação com estas Igrejas foram fracas e insignificantes. Pelo contrário, houve, sobretudo nos primeiros séculos após a separação, lutas armadas e um regime de polémica aceito de ambos os lados. Pode-se mesmo falar de um combate sistemático e, muitas vezes, inescrupuloso.

Houve a fase das controvérsias polémicas acirradas entre católicos e ortodoxos durante séculos e de-

pois entre católicos e protestantes, sobretudo nos séculos XVI e XVII, antes e depois do Concílio de Trento. Seguiu-se uma fase de controvérsias irênicas, de tom mais moderado e sereno, fazendo apelo a argumentações teológicas. Pode-se mencionar entre os mais ilustres representantes desse estilo: Bossuet e Leibnitz. No século XIX houve precursores de novos métodos de diálogo, mais científico e de tipo universitário. Deve-se dizer que foi em meio protestante que começaram os primeiros passos para o ecumenismo. Desde 1850 começam a surgir, em grande número, federações luteranas, calvinistas, etc. Foi particularmente no meio estudantil que nasceram associações cristãs de estudantes e mesmo uma federação mundial de associações cristãs de jovens, animadas por uma dupla aspiração: o zelo missionário e o desejo de reunificação, que se transformariam, dentro em breve em poderosos fatores de união. No começo do século XX, as Igrejas anglicanas, luteranas e as jovens comunidades americanas lançam as bases de movimentos que preparam o advento do Conselho Mundial das Igrejas. Já falamos acima da Assembléia de Edimburgo em 1910 e dos grupos ecumênicos que dela resultaram: **"Fé e Constituição"**, **"Fé e Ordem ou Ministério"** e **"Vida e Ação"**.

Esses grupos promovem periodicamente Congressos, em 1925 em Estocolmo, em 1927, em Lausanne, em 1937 em Oxford e Edimburgo. Decidiram então fusionar os dois movimentos: Fé e Constituição e Cristianismo Prático. Sobreveio, po-

rém, a II Grande Guerra, que interrompeu o curso dos preparativos. A fusão efetivou-se somente em 1948, na Assembléia de Amsterdam, que é considerada a reunião em que nasceu oficialmente o Conselho Mundial das Igrejas. Este foi se desenvolvendo progressivamente, ampliando o número de Igrejas aderentes e estreitando os laços de união nas Assembléias, que se realizaram depois, em Evaston, perto de Chicago, em 1954, em New Delhi, em 1961 (data da entrada dos ortodoxos para o Conselho), em Upsala, em 1968. Nestas duas últimas reuniões a Igreja Católica se fez representar por delegados especiais, bem como na reunião pan-ortodoxa de Rodes, em 1961.

A Igreja Católica seguiu uma evolução, a princípio mais lenta e mais cautelosa, depois mais rápida e mais decidida a respeito do Ecumenismo. Sem falar de alguns precursores do passado, como R. Belarmino, J. de Maistre ou J. A. Moehler, pode-se dizer que o Ecumenismo católico foi iniciado por J. Newman e Leão XIII, no fim do século XIX. O primeiro foi a alma do Movimento de Oxford, em que, após um período de aproximação da High Church e da Igreja romana, deu ao grupo de E. Pusey (1843) e a conversão de Newman (1845) e outros líderes católicos. Leão XIII nomeou Newman Cardeal e deu grande apoio ao Ecumenismo, escrevendo várias Encíclicas, visando os reformados e os ortodoxos. Entre outras: **Satis Cognitum**, 1896, **Ad Anglos** e **Orientalium Dignitas**. Estimulou também os encontros ecumênicos do Pe. Portal com Lord Halifax (1889-

1896), recebendo este último em audiência particular. Mais importantes foram as entrevistas do mesmo Lord Halifax com o Cardeal Mercier de Malines (1922-1926).

Apesar de terem um caráter estritamente particular, estas entrevistas foram apoiadas por Pio XI, que escreveu também uma Encíclica ecumênica: **Ecclesiam Dei**. Pio XII igualmente manifestou seu interesse pela mesma causa, na sua Encíclica **Mortalium Animos**, em que reconhece a visível ação do Espírito Santo nestes movimentos de aproximação. Grandes teólogos reformados, como Karl Barth e A. Nygren ou ortodoxos, como Soloviev, Komiakov ou Berdiaev haviam aplainado os caminhos para uma aproximação cada vez maior. Por outro lado, o Pe. Paul Couturier tinha lançado em 1935 o **Ecumenismo Espiritual**, promovendo as Semanas de Oração pela Unidade Cristã, que, desde então, se realizam em toda a parte, na Europa na Semana que segue a Epifania e na América, na Semana que precede Pentecostes. Deve-se assinalar nessa época a publicação do famoso livro de Y. Congar: "Chrétiens désunis. Principes d'un Oecumenisme catholique" (1937), que deu início ao grupo dominicano **Istina** de Paris e à longa carreira ecumênica do autor, que publicou posteriormente dezenas de livros sobre o assunto, preparando o Vaticano II. As Abadias de Amay e de Chevetogne dos Benedictinos, liderados por Dom Baudouin foram também grandes centros de estudos e atividades ecumênicas.

É, porém, com João XXIII e o Concílio Vaticano II que chegamos ao momento decisivo do ecumenismo na Igreja Católica. Como é sabido esse grande Papa estava preparado para essa causa por suas legações na Bulgária e na Turquia (Constantinopla). Logo no início do seu pontificado lançou a idéia de um Concílio ecumênico (1959), idéia que não pode ser executada no sentido de um ecumenismo estrito, mas que floresceu numa das sessões do Concílio e deu origem ao Decreto: **Unitatis Redintegratio** (1961), a Carta Magna do ecumenismo contemporâneo. João XXIII criou também o Secretariado para a Unidade Cristã (5 de junho de 1960). João XXIII foi valiosamente secundado pelo Cardeal Agostinho Bea e por Mons. Willebrands. Os teólogos Y. Congar, K. Rahner, de Lubac, Chenu foram convidados a participar dos trabalhos do Concílio. Foram admitidos observadores não católicos, como os monges de Taizé: Roger Schutz e Max Thurian, bem como O. Cullman e alguns ortodoxos. Paulo VI continuou a obra iniciada por João XXIII, recebendo no Vaticano personalidades da Igreja Anglicana, como o Arcebispo Ramsey e de outras Igrejas ou Religiões (budistas, hinduístas, etc.) Em 1964 encontra-se com Atenágoras em Jerusalém e no mesmo ano preside ao Congresso de Bombaim. Criou a Comissão mista para o Ecumenismo, os Secretariados para os não cristãos e os não crentes, para relações com os Judeus e os muçulmanos, bem como designou exegetas e biblistas católicos para a Comissão mista de preparação da Bíblia ecumênica.

Definições do Ecumenismo, antes e após Vaticano II

Como já assinalamos acima, seguindo os estudos magistrais de Y. Congar, o ecumenismo passou por várias etapas e diferentes fases, em que assistimos à evolução do próprio conceito de ecumenismo. Sem falar das polêmicas com os ortodoxos, que se arrastam do século IX até o século XIX, limitando-nos apenas as relações com as Igrejas reformadas, pode-se dizer que os séculos XVI e XVII foram de polêmicas acirradas, em que o ecumenismo era apenas encarado em termos de conversão ou de aniquilação do adversário. As controvérsias pacíficas começam na segunda metade do século XVII e prosseguem, com altos e baixos e com muitas voltas à polêmica partidária ou proselitista. Só no fim do século XIX é que começam timidamente as tentativas de aproximação. Até 1960 a Igreja Católica recusou-se a participar das Assembléias do Conselho Mundial das Igrejas. Observadores católicos comparecem, pela primeira vez, na Assembléia de New Delhi, em 1961, após Vaticano II. Antes, porém, os teólogos e os biblistas já haviam iniciado o diálogo ecumênico. Examinemos algumas das concepções subjacentes a essas diversas atitudes.

A controvérsia polêmica. Nos primeiros séculos visava resultados imediatos e espetaculares. Posteriormente partiu-se para a argumentação teológica e pseudo-exegética. Os argumentos da Teologia estavam presos a sistemas, nem sempre aceitos de lado a lado. A argumentação

bíblica era falha devido ao atraso dos estudos exegéticos. Fazia-se apelo freqüentemente a argumentos de autoridade, que são os mais fracos para a razão humana. Entretanto mesmo quando a argumentação racional era bem conduzida, isso não bastava para levar à persuasão total. A religião, sob suas diversas formas, é assunto do homem todo, do ser humano em sua integralidade. Como bem observa Y. Congar: "Para a persuasão do homem, sobretudo em suas convicções religiosas, não entram em conta somente raciocínios intelectuais. Entram em campo também grande número de elementos sociológicos, psicológicos, históricos, sentimentais que condicionam o seu comportamento de maneira extremamente profunda." É sabido que, tanto no Cisma grego, como na Reforma de Lutero intervieram como motivos de separação vários fatores históricos, sociais e até raciais. A rivalidade entre Roma e Bizâncio, entre o Império germânico e o Papado italiano e mesmo entre a Inglaterra e Roma muito contribuíram para a ruptura e para o prolongamento da separação até hoje. Y. Congar fala até de fatores antropológicos (3). Na América Latina e no Brasil esta situação se complica ainda mais com a intervenção de fatores de origem européia ou norte-americana, bem como com o nível primário das discussões teológicas (na maioria dos afrontamentos).

Controvérsia irênica. Falamos de um irenismo no bom sentido da palavra, não do irenismo, que abdica da verdade e que faz concessões para agradar, mas do irenismo que

procura compreender o pensamento do adversário, que aceita a parte de verdade contida na argumentação ou na vivência do seu interlocutor, que não conserva o desejo secreto de triunfar do adversário.

O Ecumenismo integral. O adjetivo ecumênico (católico, universal) data do século XIX, mas as palavras ecumenismo, movimento ecumênico são recentes tanto no vocabulário protestante como no vocabulário católico. Data da Conferência de Genebra (1920) para os reformados e de Pio XI nos documentos católicos. "A realidade do ecumenismo é sem dúvida uma realidade nova no mundo em que vivemos" (Congar). Falamos do ecumenismo concebido como movimento que abarca a totalidade das denominações cristãs, que não se limita a aproximações individuais de certos personagens de confissões diferentes, nem de reuniões para se tratar de certos pontos particulares. Este ecumenismo tem uma preocupação de plenitude, de reencontro em Cristo, de reintegração da unidade. Ao invés de procurar o que distingue e divide, procura-se o que une e aproxima. Para isto contribuíram vários fatores, assinalados por ecumenistas de diversas proveniências. Um deles foi a volta às origens, às fontes do cristianismo e particularmente ao estudo aprofundado das Escrituras, a volta às verdades essenciais e ao núcleo fundamental do cristianismo.

Conseqüentemente, deu-se o abandono ou a passagem para o segundo plano dos particularismos, dos pormenores doutrinários e litúrgicos, das discussões estéreis sobre pontos secundários de teologia. Em terceiro

lugar houve uma convergência no plano da ação para atender não somente aos problemas chamados espirituais, mas para encarar o homem na sua totalidade. Foi a revelação ao mundo europeu do Terceiro Mundo e de seus graves problemas. O Ecumenismo integral se dirigirá ao homem todo, sabendo que a promoção humana é base indispensável para a evangelização. Pode-se acrescentar que o ecumenismo moderno trabalha numa dimensão histórica. Não procura resultados imediatos, mas conta com o fator tempo. Sabe ser necessária uma lenta maturação, que exige a mediação do tempo. Temos assistido nestes últimos cinquenta anos a uma evolução, que no século passado não parecia nem possível, nem acreditável.

O Ecumenismo do Vaticano II, de João XXIII e de Paulo VI. Não vamos aqui examinar ou analisar o conteúdo do Decreto sobre a "Reintegração da Unidade", nem os ensinamentos dos dois últimos Papas e dos Secretariados por eles fundados. Vamos apenas destacar algumas afirmações, que se inserem nas aquisições do ecumenismo anterior ou que prolongam as suas iniciativas. Entre outras coisas, o Vaticano II afirma:

"Ecumenismo é uma graça de Deus à sua Igreja. Surgiu pelo sopro do Espírito Santo, inspirando as diversas tentativas convergentes de aproximação. Por movimento ecumênico se entende os esforços e as iniciativas que visam favorecer a unidade dos cristãos. Isto comporta a eliminação de palavras, juízos não conformes à verdade e à equidade, dificultando as relações com os irmãos

separados. Deve-se prosseguir o diálogo teológico iniciado entre peritos e os encontros entre as diversas Igrejas ou comunidades cristãs. Estes diálogos e encontros levam a adquirir um conhecimento mais verdadeiro e uma avaliação mais adequada da doutrina e da vida de uma e outra comunidade. Estes entendimentos conduzem também a uma colaboração mais ampla em certos serviços que toda consciência cristã exige em vista do bem comum. Unem-se em orações e examinando sua fidelidade à vontade de Cristo, iniciam vigorosamente o trabalho de **renovação e de reforma**" (n.º 766).

Tudo isto contribuirá para promover a equidade e a verdade, a concórdia e a colaboração, o espírito fraterno e a união. Leva a respeitar os elementos de verdade e santidade que existem fora da Igreja Católica. Neste sentido, o Decreto menciona "os bens verdadeiramente cristãos oriundos de um patrimônio comum que se encontram entre eles, as riquezas de Cristo e as obras de virtude na obra da vida dos que testemunham em favor de Cristo, às vezes, até a efusão do sangue" (n.º 722). O Decreto especifica as riquezas que podemos encontrar nas Igrejas orientais ortodoxas: o esplendor das cerimônias litúrgicas e a tradição espiritual do monaquismo; nas Igrejas reformadas: a pregação de Jesus Cristo e da palavra divina, bem como o amor, a veneração e quase o culto das Sagradas Escrituras (n.ºs 804-817). O Ecumenismo, segundo o Concílio, não é diretamente um apostolado de conversão, mas deve promover nossa comum conversão ao Cristo e ao Evangelho.

“Toda renovação da Igreja consiste essencialmente numa fidelidade maior à própria vocação. A Igreja peregrina é chamada por Cristo a uma **reforma perene**. Dela necessita perpetuamente como instituição humana e terrena. Por isso, não há verdadeiro ecumenismo sem **conversão interior**. Os anseios de unidade nascem e amadurecem da renovação da mente, da abnegação de si mesmo e da libérrima efusão da caridade. Por isso devemos implorar especialmente a graça do Espírito Santo” (n.ºs 777-779).

“Nos encontros doutrinários deve-se distinguir entre o depósito da fé e o modo de anunciar a doutrina. O modo de formular pode ser deficiente. Por isso pode haver reformulação. Esse modo de apresentar a doutrina não pode transformar-se em obstáculo para os não católicos. Deve-se observar também que existe **certa ordem ou hierarquia de verdades** na doutrina católica, já que o nexo delas com o fundamento da fé cristã é diverso.”

Paulo VI, em suas alocuções por ocasião da Semana da unidade e em sua Encíclica: **Ecclesiam Suam** (1964) reforça e prolonga estas afirmações, bem como as intuições de João XXIII.

Situação atual do Ecumenismo

A abertura da Igreja Católica face ao Ecumenismo, manifestada antes e depois do Vaticano II, teve as mais profundas e extensas repercussões nas Igrejas separadas. Provocou a visita de dois Arcebispos de Cantorbéry, de delegados de Constantino-

pla e Moscou. Muito significativas foram os pronunciamentos dos Pastores Boegner e Jean Bosc, bem como os monges de Taizé, da França, de O. Cullmann e André Dumas, da Suíça, de Ralph Sauer e Niemmeller, da Alemanha, do próprio Conselho Mundial das Igrejas através de seu Presidente Visser't Hooft. Houve um período de distensão e de euforia. Multiplicaram-se os encontros ecumênicos, com a participação da Igreja Católica. Houve sobretudo um trabalho ecumênico, realizado com convicção e seriedade entre teólogos e biblistas.

O Conselho Mundial das Igrejas de que a Igreja Católica não faz parte oficialmente, promoveu em 1966 uma Conferência em Genebra: **Igreja e Sociedade**, que canalizando tendências mais modernas, abriu novos rumos para o ecumenismo. Deu-se então a tomada de consciência das responsabilidades dos cristãos para com os povos do Terceiro Mundo. Desde então um número considerável de reformados, seguidos por muitos católicos, se empenham em tarefas de promoção humana, e de auxílios às populações mais abandonadas. Voltaremos a este assunto, quando falarmos de Missão e Evangelização.

O grande interesse demonstrado pela linha horizontal, levou alguns grupos cristãos a se desinteressarem do ecumenismo tal como vinha sendo praticado até então. Muitos partiram para o chamado **ecumenismo secularizado**. Falou-se depois de **erapós-ecumênica**, de crise do ecumenismo, de fim do ecumenismo, de morte do ecumenismo. Por outro lado, abandonando o ecumenismo

de cúpula, surgiu o que se chamou de **"ecumenismo selvagem"**, que se contenta com encontros e interações de base. A questão surgiu, especialmente por causa dos problemas suscitados pela inter-comunhão.

Não vamos examinar agora esses problemas que nos levariam demasiadamente longe. Vamos apenas concluir este parágrafo, dando a palavra ao grande pioneiro e líder católico do Ecumenismo,, o Pe. Y. Congar. Na sua opinião, longe de estar fadado ao desaparecimento, o ecumenismo está entrando em uma nova fase de sua evolução (o 3.º Ecumenismo), em que será necessá-

rio conservar e aprofundar as etapas anteriores. No Ecumenismo da atualidade e do futuro, haverá sempre lugar para: 1.º) o **ecumenismo espiritual**, baseado nas orações pela unidade, sempre necessárias visto o ecumenismo ser uma graça do Espírito Santo; para 2.º) o **ecumenismo teológico**, deixando de lado as controvérsias, mas esclarecendo as questões bíblicas e doutrinárias que podem levar a um entrosamento maior; para 3.º) o **ecumenismo prático**, o ecumenismo realizado na **práxis**, que unirá os cristãos nos diversos campos de ação em favor do bem integral da humanidade (4).

2. O que é a evangelização do mundo contemporâneo

Este foi o tema do Sínodo dos Bispos, em Roma, em outubro de 1974. Dispensar-nos-emos de fazer a análise desse documento, pois ele foi competentemente estudado, nesta mesma Revista, em Março deste ano, n.º 79, pelo próprio Presidente da CRB, Pe. Marcello de Carvalho Azevedo. Concordamos inteiramente com sua exposição, bem como com suas definições e caracterizações da Evangelização no mundo contemporâneo. Fazemos nossas suas excelentes reflexões, permitindo-nos reproduzir alguns tópicos.

1) "A Evangelização se apresenta como tarefa global da Igreja ou como missão eclesial fundamental, que revive no mundo, até o fim dos tempos, o sentido e a eficácia da **presença de Jesus Cristo** como Deus-Homem entre os homens e para a

salvação dos homens. É a manifestação do próprio Jesus Cristo ao homem. A Evangelização é o **processo de anúncio ao homem da Boa Nova do Evangelho**. É a comunicação ao homem de uma convicção da fé, da mensagem medular do Evangelho, de que Jesus Cristo nos revelou o amor, através da revelação da comunhão trinitária vivida nele, com e por ele, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que nos amaram nele e que quiseram que nós, **amando-nos entre nós, recapitulássemos no mundo este mistério de comunhão e de amor.**"

2) "A Evangelização se faz sobretudo pela **Palavra**, isto é, pela transmissão do que Deus falou em e por Jesus Cristo, revelando-se a si mesmo. A **Dei Verbum** enfatizara a noção de **testemunho**. É o equilíbrio

nesta tensão entre **Palavra e Testemunho** que permitirá a Igreja a valorização das diversas vocações apostólicas na missão global da Evangelização.”

3) “A Evangelização não é mero anúncio. Ela se torna fecunda e eficaz através da **conversão** do evangelizado, isto é, de sua transformação em profundidade, pela adesão plena a Jesus Cristo, na superação, em si, como pessoa humana, de toda forma de egoísmo e, como sociedade, de toda injustiça institucional. Isto dará a medida de validade da evangelização.”

4) “Não é um **processo cultural determinado**, que se queira transmitir. A civilização européia transformou a mensagem cristã recebida através de um esforço filosófico-teológico-político-social de séculos, até desvirtuá-lo em grande parte e torná-lo **inexpressivo** ao homem de hoje e do futuro. A racionalização da Boa Nova esvaziou o conteúdo vital, enquanto Boa Nova e fez do Cristianismo uma religião a mais ao lado das outras.”

5) Acrescentamos, por conta própria, que esta mensagem ocidentalizada (deformada por esquemas europeus ou americanos) tornou-se inassimilável para os povos do Oriente, da África ou da América Latina. Esta tem sido aliás a grande tragédia da Evangelização, desde as conquistas coloniais. O Cristianismo como sociedade religiosa nunca se apresentou como organismo que pudesse atrair os povos evangelizados, particularmente na América Latina e no Extremo Oriente. Os cristãos colonialistas anularam o vigor da

mensagem levada pelos missionários. Estes por sua vez desprezavam as culturas locais e estavam, em grande maioria, alheios ao processo de aculturação, pregado hoje pelo **Decreto Ad Gentes**. “Sua marca ocidental traduzida na conceituação de sua teologia, na expressão de sua liturgia, na configuração de sua ação prática”, bem como “a pactuação conformada e passiva com o “status quo” de injustiça social no mundo” constituem sérios obstáculos ou “handicaps” a uma maior penetração do Evangelho” (Convergência, n.º 79, pp. 73-75).

6) Prosseguindo a excelente análise do Pe. Marcello C. Azevedo, devemos acrescentar que o Sínodo tomou consciência e formulou, de maneira espontânea e não sistemática, através dos Bispos (alguns deles do Terceiro Mundo) algumas constatações vitais. Falaram da “necessidade urgente de sua conversão interna e sua adaptação e aculturação que, salvaguardando a unidade fundamental, leve em conta a peculiaridade das raças, regiões, culturas, tradições, religiões pré-existentes e outros elementos característicos dos povos que a integram”.

7) Quanto a tarefa própria da Igreja, fica bem claro que: a) A Evangelização não se processa extrínseca ao homem e nem de forma dicotômica numa construção paralela do esforço sobrenatural junto a uma realidade natural pré-existente. b) Daí, assumindo uma reflexão teológica de algumas décadas, “se é verdade que evangelização não se confunde com libertação humana, é verdade também que a ela não se

opõe. Antes, numa reta compreensão das perspectivas, a **evangelização integral** não se pode conceber sem a **libertação** e a **promoção**, embora esta se possa verificar de um modo não integral sem a evangelização. Neste sentido a libertação e promoção do homem à luz do Evangelho deveria ser marcada pelo seu traço peculiar de originalidade." c) Isto leva a Igreja, presente no mundo em realidades tão díspares e contrastantes à impossibilidade de uma uniformidade na sua ação evangeli-

zadora. Deve-se ter em vista simultaneamente o fomento da **unidade na catolicidade** e a consciência de que a apostolicidade nesta unidade se traduzirá em **formas não homogêneas**. Daí a necessidade de admitir a **pluralidade** da inserção concreta em realidades heterogêneas" (Ibidem, p. 74).

Estas considerações constituem-se em excelente introdução ao tema mais vasto e entretanto conexo que vamos tratar no último parágrafo.

3. O problema das relações entre a missão e o ecumenismo

Como pudemos observar no primeiro parágrafo deste artigo, vários destes temas abordados pelo recente Sínodo haviam sido entrevistados e tratados por ecumenistas das diversas confissões. Entre outros, podemos assinalar: a necessidade de pregar o Evangelho no seu conteúdo "**kerigmático**": o anúncio do evento Jesus Cristo, a proclamação da Palavra de Deus aos homens através de Jesus Cristo, que nos oferece a vida e a salvação nele e por ele, a revelação do amor trinitário, que nos chama à comunhão com Deus, inseparável da comunhão com nossos irmãos. A pregação reformada permaneceu durante muitos séculos, bastante desencarnada e pessimista quando ao valor do esforço humano. A partir dos movimentos de cristianismo prático de "**Ação e Trabalho**", que prepararam o surgimento do Conselho Mundial das Igrejas e sobretudo mais recentemente, após a Conferência de Genebra,

(1966), a atenção de muitas denominações voltou-se decididamente para os problemas de promoção, de libertação e de salvação integral do homem. A Igreja ortodoxa, alimentada pela teologia monástica durante muitos séculos, acompanha mais lentamente esta evolução. Permanece conservadora na sua doutrina, na sua liturgia e na sua ação pastoral, salvo algumas exceções.

Seria a Missão obstáculo ou estimulante para o Ecumenismo? Ou vice-versa: Seria o Ecumenismo obstáculo ou estimulante para a Missão evangelizadora? A questão, envolvida por estas duas perguntas, é realmente complexa. Vamos procurar dar uma resposta, baseando-nos no que escreveram a este respeito alguns grandes ecumenistas: Y. Congar, J. Le Guillou e R. Beaupère.

É necessário, mais uma vez, partir da história, da situação criada por vários séculos de incompreen-

sões e de polêmicas, alheios a qualquer perspectiva de Ecumenismo. Como já dissemos, o Ecumenismo propriamente dito é uma realidade recente, fruto de uma laboriosa evolução. A Missão católica apresentou-se nos países não cristãos com seu aparato de pompa e autoridade, bem como com a ausência de preocupação de adaptação ou de aculturação. Defrontou-se primeiro com o nestorianismo, o monofisismo e a Igreja ortodoxa, no Médio e Próximo Oriente. Na época das Cruzadas, travaram-se lutas armadas. A tomada e o saque de Bizâncio deixaram péssimas recordações. Mais tarde, sobretudo no século XIX e primeira metade do século XX, a Igreja Católica encontrou na Ásia, na África e na América Latina, os missionários protestantes. Depois de terem travado também lutas sangrentas no Continente europeu, eles continuaram a digladiar-se em terras estrangeiras, sobretudo por meio de polêmicas implacáveis.

Os não cristãos tinham perante eles o espetáculo das divisões e da inimizade entre aqueles que vinham pregar Jesus Cristo e sua mensagem de amor. Evidentemente esta divisão foi o maior contra-sinal e o maior obstáculo à Evangelização, agravado pelo comportamento contrário ao Evangelho dos colonizadores que se diziam cristãos. Os pregadores estavam tão inconscientes da gravidade dessa situação, que preferiram entrincheirar-se em suas posições e dividir os territórios de missão em cidadelas inimigas. Esta conjuntura se estendeu por muitos séculos e perdura ainda hoje em muitas regiões. A Igreja Católica co-

meça agora a modificar a sua atitude. Quanto às Igrejas reformadas, 3/4 delas são fundamentalistas e recusam ainda o diálogo ecumênico.

“A conscientização das relações que devem existir entre Missão e unidade cristã, é, ao nível eclesial, um acontecimento muito recente. Manifesta a emergência reflexiva dum movimento que foi inaugurado no século XIX. Foi então que as Igrejas começaram a sentir-se envolvidas com a totalidade do mundo, no devir histórico e social. Daí resultou uma modificação insensível no comportamento de umas em relação às outras, devido a ampliação do horizonte espiritual, que fez aparecer, em primeiro plano, o mistério da Igreja e sua Missão.” “Deve, pois, conceber-se sempre a Missão da Igreja em seu conjunto, antes de falar dos órgãos missionários eclesias, que, de resto terão de dar provas de incessante mobilidade para que se adaptem à realidade dinâmica ligada a uma visão de cristandade, e a insistência na dimensão antropológica, que caracteriza o devir da humanidade, permite um confronto ecumênico singularmente eficaz. Desde há muito que os protestantes se abriram à dimensão mundial da Missão, como sublinhava o **slogan** de Evanston (1954): “A totalidade da Igreja é chamada a anunciar a totalidade do Evangelho à totalidade do mundo” (Le Guillou, 5 de Abril 1965, p. 7).

“Assim, enquanto a divisão operou no passado a destruição do sinal da unidade na Igreja, a atitude ecumênica, humilde e profunda, deve reconstruir na caridade o mesmo sinal. Ao invés de contestar, em ra-

ção de suas imperfeições, a parte de sinal presente na outra Igreja, devemos pelo contrário tomar a sério o poder que esse sinal tem de significar a realidade da união em Cristo” (Martelet) (5). É preciso levar em conta os elementos de eclesialidade presentes nessas Igrejas. Apesar das discrepâncias e dos desacordos doutrinais, que, em matéria essencial, não podem ser minimizados, não se pode esquecer os bens que possuímos em comum. Em primeiro lugar o batismo, válido nas grandes confissões, produz neles uma verdadeira incorporação a Cristo, base fundamental de nossa união com eles. É o motivo pelo qual os reconhecemos como irmãos no Senhor.

Não podemos esquecer as importantes declarações da **Unitatis Redintegratio** (n.ºs 761-763): “Ademais, alguns, e até muitos e exímios, **elementos ou bens**, com os quais, em conjunto, a própria Igreja é edificada e vivificada, podem existir fora do âmbito da Igreja Católica: a Palavra escrita de Deus, a vida da graça, a fé, a esperança, a caridade e outros dons interiores do Espírito Santo e elementos visíveis. Tudo isso, que provém de Cristo e a Cristo conduz, pertence por direito à única Igreja de Cristo. Os irmãos separados de nós, realizam também não poucas ações sacras da religião cristã. Estas podem, sem dúvida, por vários modos, conforme a condição de cada Igreja ou comunidade, produzir realmente **a vida da graça**. Devem mesmo ser tidas como aptas para abrir as portas da **comunhão salvadora**. Portanto, mesmo as Igrejas e comunidades separadas, embora creiamos que tenham deficiências, de forma alguma estão destituídas

de significação e importância no mistério de salvação. O Espírito Santo não recusa empregá-las como meios de salvação, embora a virtude desses derive da própria plenitude de graça e verdade confiada à Igreja católica”.

Temos, pois, aqui, declarado pelo próprio magistério da Igreja, o motivo essencial, não de uma política de boa vizinhança, nem, como apregoam outros, uma união estratégica contra o ateísmo ou o comunismo, mas de um verdadeiro ecumenismo. Há lugar para um **ecumenismo profético**, movido pela graça do Cristo e pela ação do Espírito. Esse ecumenismo visaria a libertação e salvação integral do homem de hoje e procuraria, além das dicotomias individuais e sociais, atingir toda a humanidade.

“A Igreja está dispersa, hoje, por toda a terra. Pela primeira vez, sem dúvida, na história, se realizaram as condições para a pregação do Evangelho, à escala mundial. Afirmar a relação que existe entre ecumenismo e missão é afirmar a importância que tem a imitação do comportamento de Deus e da sua paciência para salvar o mundo. Não temos que nos insurgir contra as liberdades que Deus quis respeitar, nem que reprimir o seu exercício por via de autoridade. Devemos triunfar unidos, do mal, na caridade da Verdade para um melhor serviço da Missão” (Le Guillou, ut supra, p. 13).

Na sociedade pluralista em que vivemos, é necessário respeitar os grupos formados por séculos e até milênios de condicionamentos so-

ciológicos. Um outro Decreto do Vaticano II fala da "**Liberdade Religiosa**", que rejeita qualquer coação física ou moral. Isto, porém, é uma questão preliminar, indispensável a qualquer tentativa de diálogo com não católicos, não cristãos ou não crentes.

Podemos concluir com o Pe. Y. Congar, falando da crise do ecumenismo: "Pensamos que o ecumenismo, não está ultrapassado nem é su-

pérfluo. Deverá somente ser procurado em todas as suas dimensões (espiritual, teológica, social), todas necessárias para que se alcance toda a verdade. Isto quer dizer que se deve inventar, tomar iniciativas, abrir novas possibilidades" (6). O Ecumenismo deve ser considerado como uma das **dimensões da Igreja de Cristo**. Esta afirmação está subjacente em todos os documentos do Concílio Vaticano II. É uma realidade que precisamos viver.

NOTAS

1. Y. CONGAR, **Aspects de l'Oecumenisme**, Pensée Catholique, Bruxelles, 1962, página 41. 2. Ver bibliografia abaixo. 3. Y. CONGAR, o. c. nota 1, página 105. 4. Y. CONGAR, **A nova problemática do Ecumenismo**, Concilium, n.º 54, 1970, páginas 398 e seguintes. 5. G. MARTELET, **Horizon Théologique de la 2e. Session de Concile**, N. Revue Théol., 5 de maio de 1964, página 104. 6. Y. CONGAR, o. c. nota 4, página 406. BIBLIOGRAFIA. CONGAR, Yves, **Chrétiens Désunis**, Ed. du Cerf, 1937. **Aspects de l'Oecumenisme**, La Pensée Catholique, Bruxelles, 1962. **Une Passion, l'Unité, Foi Vivante**, Ed. du Cerf, 1974. JOSSUA, Jean-Pierre, **Le Père Congar, la théologie au service du peuple de Dieu**, Ed. du Cerf,

1967. PUYO, Jean, **Le Père Congar, une vie pour la vérité**, Le Centurion, Paris. VILAIN, **Introduction à l'Oecumenisme**, Tournai-Casterman, 1959. TAVARD, **Petite Histoire du mouvement oecumenique**, Paris-Fleurus, 1960. AUBERT, Roger, **La Saint-Siège et l'Union des Églises**, Ed. Universitaires, Paris, 1946. BIOT, François, **L'Église face aux chrétiens séparés**, Paris, Ed. du Cerf, 2 vols. 1960, Concilium, abril de 1965, página 5 e seguintes. WILLEBRANDS, J., **Oecumenisme et Problèmes actuels**, Ed. du Cerf, Paris, 1969. LAMBERT, B., **Le Problème oecumenique**, Paris, Le Centurion, 1961. BEAUPÈRE, R., **Mort et Renaissance de l'Oecumenisme**, Lumière et Vie, n.º 103, juin 1971, página 90 e seguintes.



O VERBO DIVINO

Este ano a Congregação do Verbo Divino celebra seu primeiro centenário. O Fundador, Pe. Arnaldo Janssen, deu a seus missionários o seguinte programa: “Viva Deus Uno e Trino nos corações dos homens”. A humanidade está em contínua busca de felicidade, de comunhão e de vida, isto é, à procura de Deus. Na medida em que se encarna a Família Trinitária no mundo — é esta a vocação da Igreja — o homem sai das trevas do egoísmo e, através da doação, entra em comunhão com Cristo e com o irmão. É assim que cresce a Igreja, onde Deus é adorado em espírito e verdade. Ao mesmo tempo o homem encontra sua realização e a VIDA. O anúncio da Vida Trinitária que se encarna progressivamente entre os homens, é o sentido do símbolo escolhido para a celebração do centenário: uma multiplicação de triângulos a partir de um triângulo central, já conhecido como símbolo da Santíssima Trindade.

Pe. José Etspüeler, SVD

Primeira Parte

O VERBO DE DEUS E SUA MISSÃO

Vivemos numa época de inflação não só da moeda, mas também da palavra, multiplicada pelos meios modernos de comunicação, alcançando-nos, amolando, às vezes, em todos os cantos de nossa vida. Esta inflação pode estender-se à palavra de Deus que talvez anunciemos muito e meditemos e vivamos pouco. Para sustar tal movimento inflacionário pode servir uma reflexão sobre a palavra de Deus.

Uma das grandes orientações que o Concílio Vaticano II nos oferece é o realce dado à palavra de Deus. A palavra divina dirigida aos homens pela revelação, deixada por escrito na Bíblia, anunciada pela Igreja, usada na liturgia e na vida cristã. Diversas vezes o Concílio relaciona a palavra de Deus com o Verbo Divino, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Assim lemos na Constituição sobre a Igreja que a revelação mais completa é dada através do Verbo feito homem (*Lumen Gentium*, 9a), e a Constituição sobre a Revelação Divina ensina que a Igreja, esposa do Verbo Encarnado, procura conseguir uma compreensão mais profunda da palavra de Deus escrita na Bíblia (*Dei Verbum*, 23). Segundo o Decreto sobre a atividade missionária, a Igreja, corpo do Verbo Encarnado, se nutre e vive da palavra de Deus e do pão eucarístico (*Ad Gentes*, 6c).

Nestes textos aparece a intuição que o Concílio teve. A palavra de Deus falada aos homens se origina na Palavra de Deus em pessoa, o Verbo Divino. A Palavra, infinita e única, se traduz em palavras humanas, limitadas e multiplicadas na boca dos mensageiros da revelação, nas letras da Escritura e no anúncio da Igreja. Esta tradução da Palavra Eterna tem seu ponto culminante em Cristo, o Verbo enviado ao mundo. Em Jesus, em sua boca, nas palavras que dirige aos ouvintes, a Palavra Eterna fala em palavras humanas aos homens. Penetrar neste mistério da palavra de Deus na medida do possível é o objetivo destas linhas. Querem ser da parte de quem as escreve, um padre da Congregação do Verbo Divino, uma contribuição desta família religiosa que neste ano celebra o primeiro centenário de sua existência.

É nos escritos de São João: evangelho, primeira carta, apocalipse, que encontramos os nomes "Verbo, Verbo de vida, Verbo de Deus" (Jo 1,1.14; Jo 1,1; Apoc 19,13). Talvez o apóstolo tenha escolhido este termo de Verbo ou Logos para adaptar-se à filosofia grega que usa a noção de Logos: a razão universal que existe nos seres do mundo. No entanto o nome e a idéia de Logos tem sua origem antes de tudo no Antigo Testamento. O termo grego

“Logos” não significa apenas palavras, mas também pensamento ou razão. Neste duplice sentido o nome Logos ou Verbo é preparado pela palavra e a sabedoria de que nos falam os escritos da Antiga aliança.

A palavra de Deus no Antigo Testamento prepara a missão da Palavra Eterna, o Verbo que vem a este mundo pela encarnação e continua sua missão na Igreja, seu corpo místico. Conforme esta história da palavra da salvação, dividiremos nosso tema em três partes: A missão do Verbo preparada no Antigo Testamento. A missão do Verbo ao mundo. A missão do Verbo Encarnado continuada na Igreja.

A missão do Verbo preparada no Antigo Testamento

1.º) A Palavra de Deus

Palavra da aliança. Deus dirigiu sua palavra aos primeiros pais e depois aos patriarcas, anunciando-lhes a salvação e concluindo aliança com eles (principalmente com Abraão, Gên 15). A palavra da salvação e aliança culmina em Moisés por quem Deus falou ao povo de Israel para tirá-lo do Egito e fazer aliança com ele no Sinai. Moisés se apresenta ao povo como enviado do Senhor: “O Eu Sou me envia a vós” (Êx 3,14). Transmite-lhe as “dez palavras” (Êx 34,38), o decálogo, os dez mandamentos da lei de Deus. Para conservar estas palavras Deus mesmo as escreveu em duas tábuas de pedra (Êx 34,28). Ampliadas por outras prescrições, as dez palavras foram escritas por Moisés num livro (talvez o início histórico do Livro

Sagrado, Êx 24,4). Declara o Senhor a Moisés: “Estas palavras são a base da aliança que faço contigo e com Israel” (Êx 34,27). Com a lei, Deus oferece ao povo judaico luz e orientação para sua vida de povo de Deus. Israel por sua vez se compromete a observar a lei: “Faremos tudo o que o Senhor disse”. (Êx 19,8; 27,7). É a aliança entre Deus e Israel, feita na base da palavra do Senhor, concluída pela palavra e resposta neste diálogo entre Javé e o seu povo.

Sacrifício da aliança. O diálogo, a troca das palavras se completa pela troca dos dons no sacrifício. Este sela e ratifica a aliança feita na base das palavras. Moisés oferece um sacrifício de touros, derramando metade do sangue sobre o altar, aspergindo a outra metade sobre o povo, dizendo: “Eis o sangue da aliança que o Senhor fez convosco”. O mesmo sangue, a mesma vida simbolizada por ele une a Deus e seu povo. A união se torna mais estreita ainda pela refeição sacrificial que se segue. O Senhor devolve como alimento a carne que lhe tinha sido oferecida como vítima. É o “sacrifício da comunhão”, da união entre Deus e seu povo (Êx 24, 4-11). Palavra e sacrifício da aliança no Sinai são a figura e o precursor da Liturgia da Palavra na missa em que Deus e Cristo dialogam com a Igreja e da Liturgia do Sacrifício eucarístico em que se renova continuamente a nova aliança concluída no sangue de Jesus.

Palavra dos profetas. Como os israelitas são infiéis à aliança, adorando falsos deuses e transgredindo

a lei, Deus envia os profetas que exortam o povo a voltar ao seu Senhor. "Voltai ao Senhor, vosso Deus" (Joel 2,13) é o brado típico de penitência que os profetas dirigem ao povo. Houve épocas em que Israel voltou à fidelidade da aliança, como nos reinados de Ezequias e Josias que renovaram o pacto sagrado com o Senhor. Seguiram, porém, novas quedas e infidelidades dos reis e do povo, retribuídos por Deus com renovados e graves castigos. A palavra da aliança, a lei escrita nas tábuas de pedra e lembrada pelos profetas, mostrou-se ineficiente, não conseguindo a adesão fiel do povo de Israel.

Foi então que o Senhor anunciou concluir uma nova aliança com a lei gravada nos corações (Jer 31, 31-34). Prometeu dar aos que aceitassem esta aliança um coração novo, pondo neles o seu espírito para observarem fielmente suas leis (Ez 36,26-28). A profecia se cumpre quando Deus já não envia mais homens, como Moisés e os profetas, mas seu próprio Filho, sua Palavra feita homem: Cristo que promulga a nova lei do amor, gravando-a em nossos corações pelo Espírito Santo e a caridade por Ele infusa (Jo 13,34; Rom 5,5; 8,15).

Palavra da criação. Sob a impressão da palavra que Deus dirigiu aos patriarcas e ao povo de Israel por meio dos profetas, os escritores sagrados atribuíram também a criação do mundo à palavra todo-poderosa do Senhor. "Deus disse: 'Faça-se a luz' e fez-se a luz" (Gên 1,1-3). "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus" (Sl 33(32),6). Com a palavra de Deus, a palavra da alian-

ça, dos profetas e da criação estão intimamente ligadas.

2.º) A Sabedoria

No livro da Sabedoria uma prece inspirada começa assim: "Deus de nossos pais e Senhor da misericórdia, que todas as coisas criastes pela vossa palavra e que por vossa sabedoria formastes o homem" (Sab 9,1). Deus criou por uma palavra sua: "Faça-se a luz". É um antropomorfismo, um modo humano de apresentar o ato da vontade de Deus. A palavra de ordem divina significa o ato de Deus que decide criar o mundo, ato eficiente por si mesmo, não precisando de braços, nem de instrumentos, nem da palavra da boca para executar a obra da criação. É a palavra de Deus e também a sua sabedoria que cria o mundo, como mostra o texto citado e muitos outros que encontramos nos livros sapienciais. A vontade divina decide e executa, iluminada pela sabedoria. A sabedoria planeja sem erro, a vontade de Deus realiza com poder infalível, sem se cansar nem encontrar resistência de fora.

Também a palavra da aliança, a lei de Deus dada por Moisés, se relaciona ou se identifica com a sabedoria. Escreve o livro do Eclesiástico "Tudo isto que se disse sobre a sabedoria é o livro da vida, a aliança do Altíssimo", isto é, o livro que contém a lei da aliança (Eclo 24,23(32)). A lei divina não se assemelha ao decreto de um tirano que coloca a sua vontade em lugar da razão. Inspira-se a lei de Deus na sabedoria, traçando o caminho para o seu povo, ajustando-se às exigências da aliança. Como

a palavra da criação e a da aliança, assim também a palavra profética se origina na sabedoria. É a sabedoria que forma os profetas (Sab 7,27). Iluminados pela sabedoria divina, os profetas compreendem a mensagem recebida e sabem transmiti-la e comentá-la do modo mais conveniente. A palavra de Deus, palavra da criação, da aliança e dos profetas é iluminada pela sabedoria e pronunciada pelo sopro ou espírito do Senhor.

3.º) O Espírito do Senhor

A idéia do Espírito do Senhor **ruach Jahve** = hálito ou sopro do Senhor, é também um modo humano de imaginar a Deus que emite um sopro pela sua boca. É uma figura que significa força divina que atua na criação, na aliança e nos profetas. Na criação do mundo agem juntos a palavra e o espírito de Deus. "O espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: "faça-se luz" (Gên 1,2). "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus e pelo sopro de sua boca todo o seu exército" (Sl 33(32),6).

A presença do espírito se manifesta de modo especial no profeta, considerado "o homem do espírito" (Os 9,7), o homem que fala por inspiração do espírito do Senhor. O rei-profeta Davi afirma de si: "O espírito do Senhor fala por mim, sua palavra está na minha língua" (Sam 23,2). Ezequiel por sua vez nos informa: "O espírito do Senhor veio sobre mim e me disse: Fala: Assim diz o Senhor" (Ez 11,5). Ao passo que nos profetas o espírito do Senhor atua apenas no momento de

inspiração, sobre o Messias, o grande profeta, o espírito de Deus repousa, permanecendo com ele, cumulando com seus dons, impelindo-o a levar a plenitude da palavra da Salvação aos povos (Is 11,2; 42, 1; 61,1). Também sobre os que se unirem com fé ao Messias Deus derramará seu espírito, comunicando-o com abundância, fazendo os que estiverem cheios do espírito do Senhor "profetizar", isto é, falar sob inspiração divina, anunciando a palavra de Deus (Joel 3,1).

O espírito do Senhor que assim atua nos profetas é, segundo o Antigo Testamento, a força divina presente nos enviados de Deus. Só no Novo Testamento o espírito se manifesta como Amor do Pai e do Filho. É, portanto, o Amor que inspira os profetas, comunicando-lhes a palavra divina e a sabedoria nela contida, levando-os a anunciar a palavra por amor a Deus e aos homens, para a glória do Senhor e o bem e a felicidade de seus irmãos.

Mostrou esta breve explanação que no Antigo Testamento a palavra de Deus está intimamente ligada à sabedoria e ao espírito do Senhor. A palavra, cheia de sabedoria, é comunicada aos enviados de Deus e por meio deles aos homens pelo espírito de Deus. Tanto a palavra como a sabedoria e também o espírito do Senhor aparecem em diversos textos vétero-testamentários como pessoas. A palavra de Deus é enviada à terra para curar os enfermos (Sl 107(106), 20). Como a chuva cai sobre a terra, regando-a e fazendo germinar as plantas, assim a palavra de Deus, enviada à terra, não voltará sem ter cumprido a sua missão (Is 55,10s).

De modo semelhante, a sabedoria é personificada, apresentada como pessoa. Convive com Deus, conversando familiarmente com Ele, partilhando seu trono (Sab 8,3). Ama os homens, achando suas delícias em estar junto com os filhos dos homens (Prov 8,31). Igual à palavra, a sabedoria sai da boca de Deus e é enviada à terra (Is 55, 11; Eclo 24,3.10(5.13). Também o espírito do Senhor, semelhante a um ser pessoal, é enviado ao mundo, conforme reza o salmista: "Quando enviais o vosso espírito, eles renascem e renovais a face da terra" (Sl 104-103, 30).

Estes modos de considerar a palavra, a sabedoria e o espírito como pessoas, originadas de Deus e enviadas por Ele, são personificações. Os escritores sagrados apresentam palavra, sabedoria e espírito como se fossem pessoas, julgando que na realidade não o sejam. No sentido literal daqueles textos, a palavra é um ato, a sabedoria uma qualidade, o espírito a força de Deus. Estas personificações preparam a vinda de

Cristo que se revela como a Palavra e a Sabedoria em pessoa. Em Jesus, palavra e sabedoria de que falam os livros do Antigo Testamento se identificam, sendo a Segunda Pessoa divina, Palavra e Sabedoria do Pai. Cristo revela também o Espírito como pessoa divina, distinta dele, o Filho, e do Pai, brotando o Amor que Pai e Filho se dedicam, procedendo de ambos como seu amor em pessoa.

Na Antiga Aliança Deus anuncia sua palavra em palavras e épocas sucessivas, na boca de muitos mensageiros que Deus faz participar de sua sabedoria, inspirando-os com seu espírito. Palavras e luzes de Sabedoria espalhadas pelos milênios do Antigo Testamento, se concentram em Cristo, Palavra e Sabedoria em pessoa, que possui a plenitude do Espírito. Jesus, o Verbo Encarnado, a Sabedoria feita homem, cheio do Espírito Santo, inaugura a nova e eterna aliança, a união e comunhão perfeita com Deus da qual somos chamados a participar.

Segunda Parte

O VERBO ENVIADO AO MUNDO PELA ENCARNAÇÃO

Na plenitude dos tempos Deus enviou seu Filho ao mundo (Gál 4,6). Depois de ter falado aos pais pelos profetas, falou-nos por seu Filho (Hebr 1,1), feito homem que se apresentou a seus contemporâneos como Jesus de Nazaré. Ouvindo o novo mestre, "todo povo ficava suspenso de admiração" (Lc 19,48). "Jamais homem algum fa-

lou como este", constataram alguns (Jo 7,46). Não sabiam explicar a origem de sua sabedoria. "Este homem não fez estudos, donde lhe vem pois este conhecimento das Escrituras?" (Jo 7,15). Admiraram a graça de suas palavras, ficaram impressionados com o poder, a autoridade com que ensinava (Mc 1,22).

Jesus pregava a palavra de Deus (Lc 5,1), falava as palavras de Deus (Jo 3,34). Como ele não apenas anunciava a verdade e comunicava a vida mas é a própria verdade e a vida (Jo 14,6), assim não somente pregava a palavra, mas é a Palavra de Deus em pessoa, o Logos ou o Verbo (Jo 1,1.14). De modo semelhante, Cristo falava com sabedoria (Lc 2,47) e é a própria sabedoria de Deus (1 Cor 1,24). É no prólogo do evangelho de São João que Jesus é apresentado como Logos ou Verbo com expressões que no Antigo Testamento são também aplicadas à sabedoria. Em Cristo se identificam a palavra e sabedoria de Deus, revelando-se ele como Sabedoria e Palavra do Pai, a Segunda Pessoa Divina. No princípio o Verbo estava junto de Deus e por ele foi feito o mundo (Jo 1,1-3), como a sabedoria estava junto do Senhor como artífice do universo (Prov 8,30). O evangelho dá ao Logos este nome, antes de falar de sua encarnação. Não é somente depois de feito homem e por falar aos homens em sua existência humana que o Verbo possui este nome misterioso. É Verbo ou Logos em sua existência eterna.

Foi Santo Agostinho que, por sua inteligência genial iluminada pela fé, conseguiu alguma compreensão do mistério do Verbo, comparando-o com o Verbo mental do homem feito à imagem e semelhança de Deus (Gên 1,26). Nós expressamos interiormente nosso pensamento por meio de uma concepção ou geração mental, concebendo e gerando o filho da nossa mente: o conceito, a idéia. De modo especial formamos uma idéia de nós próprios, do nosso

próprio eu. Somos nisto imagem de Deus que contempla a sua divindade e diz ou expressa o que contempla, formando uma idéia, um conceito de si mesmo: o logos, o Verbo. Enquanto em nós a idéia é apenas uma gravura, uma nova qualidade na mente, a Idéia que Deus faz de si é tão grande como Ele, é uma pessoa, o Filho mental, o Verbo de Deus.

Quando concebemos uma idéia nova, feliz e valiosa, uma descoberta, sentimos alegria, temos amor ao filho de nossa mente. É a felicidade da paternidade ou maternidade intelectual. Maior ainda, infinitamente maior é o amor que o Pai celeste tem para com a idéia de sua inteligência porque é gerada com perfeição, é tão perfeita como Deus, é o verdadeiro Filho de Deus. Em amor eterno o Pai abraça seu Filho, dizendo-lhe: "Meu Filho és tu, hoje te gerei" (Sl 2,7). E o Filho, sendo Pessoa e não apenas qualidade mental, como a nossa idéia, responde: "Meu Pai és tu" (Sl 89(88),27).

Nós costumamos expressar nosso amor para com alguém por meio de gestos, aperto de mão, abraço, beijo ou dando presentes. Esta lei do amor existe em Deus em proporções divinas. Pai e Filho manifestam o amor mútuo, presenteando-se com um dom de valor infinito, oriundo deles, igual a eles: o Espírito Santo. Este é, segundo as expressões dos Santos Padres, o abraço, o ósculo santo do Pai e do Filho, o sopro de Amor que brota do íntimo de ambos. O Pai diz o Verbo com amor; o Verbo responde com amor. É o "Verbum spirans amorem", o Verbo que expira o amor (S. Tomás).

A encarnação do Verbo

“O Verbo se fez carne” (Jo 1,14). Assumiu uma natureza humana limitada e frágil (“carne” em sentido bíblico). O Verbo é enviado ao mundo, adotando uma natureza, alma e inteligência humanas para transformar a Idéia Eterna em idéias humanas. Feito homem, o Verbo possui um verdadeiro corpo com boca que serve para expressar a Palavra Eterna em palavras acessíveis aos homens. O Verbo Eterno que conhece o Pai como Pai conhece o Filho (Mt 11,27), se comunica com sua mente humana por meio da visão beatífica (Jo 3, 32), que Jesus possui desde o começo de existência humana (Pio XII, *Mystici Corporis*). Para poder transmitir aos homens o que vê e ouve junto ao Pai pela visão beatífica, Cristo ainda recebeu a ciência infusa. Esta transforma a ciência da visão que é supraconceitual em conceitos mais próximos aos conceitos humanos, aos quais por sua vez se unem às noções que Jesus adquiriu pela aprendizagem humana comum. Desta maneira o Verbo condescende, descendo por degraus, traduzindo-se a si próprio progressivamente na visão, na ciência infusa e na adquirida de sua humanidade, podendo comunicar-se aos homens.

Também o mistério da encarnação Santo Agostinho procura explicar com a psicologia humana. Quando queremos transmitir aos outros nossas palavras mentais, nossos conceitos, usamos como veículo a palavra oral, a voz que partindo de nossa boca, por meio das ondas sonoras, atinge os ouvidos do irmão, comunicando-lhe o nosso pensamen-

to. De modo semelhante o Verbo, querendo manifestar-se aos homens, não se contentou em enviar os profetas como porta-vozes, assumiu uma natureza humana e uma boca que lhe fossem próprias em que ele, a Palavra Eterna, pudesse ressoar de modo mais pessoal e direto.

O Verbo habitou entre nós

O Verbo habitou, ou segundo o verbo grego do texto original “*eskēnosen*”, armou sua tenda entre nós. A expressão recorda textos do Antigo Testamento. Diz-se da Sabedoria que, depois de procurar em vão repouso entre os povos e tribos da terra, recebeu ordem do Senhor de armar sua tenda em Jacó (Eclo 24,13(8)). A Sabedoria não conseguia fazer-se aceita como desejava nem pela lei que deu aos judeus, nem pelas luzes que espalhou entre os povos pagãos. Resolveu então fazer-se homem para falar como homem com os homens. “Depois a Sabedoria foi vista na terra e conversou com os homens” (Baruc 3,38). A expressão “armou sua tenda” lembra também a tenda da Antiga Aliança em que Deus mandou depositar as duas tábuas de pedra nas quais ele mesmo tinha escrito sua palavra. Fazendo-se homem, o Verbo de Deus armou em sua humanidade uma tenda entre nós. Nesta tenda está presente não apenas a palavra escrita de Deus, mas também a Palavra em pessoa que nos fala pela boca de Jesus.

O Verbo encarnado em Maria pelo Espírito Santo

Quando a tenda da Antiga Aliança ficou pronta, “a nuvem cobriu-a

com sua sombra e a glória de Deus encheu a morada” (Êx 40,35). A nuvem é figura do Espírito Santo, a força do Altíssimo que cobriu a Virgem Maria com sua sombra (Lc 1,35). Usa-se nas duas passagens o mesmo verbo: ‘*episkiazein*’, cobrir com a sombra para indicar o mesmo mistério, prefigurado na tenda e realizado em Maria. Pela ação do Espírito Santo em Maria o Verbo se encarna, podendo a Palavra Eterna expressar-se em palavras humanas.

Como dissemos acima, Santo Agostinho compara o Verbo encarnado com a idéia escondida em nossa mente que se externa por meio da voz e da palavra de nossa boca. Santo Tomás completa esta comparação: a nossa palavra se forma por meio do sopro que passa pelas cordas vocais. De modo semelhante, o Verbo que estava junto do Pai, “sai do silêncio” (Santo Inácio de Antioquia), manifesta-se aos homens por meio do sopro de Deus, o Espírito Santo. Este forma a humanidade de Jesus a qual é a voz que serve ao Verbo para falar aos homens. No amor de seu Espírito o Verbo se faz carne para poder comunicar-se conosco. Com o Espírito do Senhor que repousa sobre ele, Jesus anuncia o evangelho aos pobres (Lc 4,18). No amor que o mesmo Espírito lhe infunde no coração, Cristo nos chama amigos, ensinando-nos tudo quanto ouviu do Pai (Jo 15,15).

Ao passo que os profetas anunciavam a palavra só quando recebiam o espírito do Senhor, Cristo é a Palavra de Deus em pessoa, sobre ele repousa o espírito, permanecendo nele; a ele é dado o Espí-

rito sem medida, em plenitude (Jo 3,34) para nos dar a plenitude da revelação e salvação. Pela ação do Espírito em Maria, o Verbo se fez carne para consumir a revelação de Deus. Qual o conteúdo da revelação trazida por Cristo?

O Verbo encarnado revela o Pai

Escreve São João: “Ninguém jamais viu a Deus. O Filho Único que está no seio do Pai foi quem o revelou” (Jo 1,18). O Filho, o Verbo, vivendo no seio, na intimidade do Pai, conhecendo-o e amando-o, sem deixar esta intimidade, se fez homem para nos falar do Pai. A primeira palavra de Jesus que o evangelho nos relata se refere ao Pai. O menino de 12 anos diz aos pais que o procuravam e reencontraram no templo de Jerusalém: “Não sabeis que devo estar nas coisas de meu Pai?” (Lc 2,49).

Nos ensinamentos de sua atividade pública encontramos freqüentemente esta expressão: “O Pai que me enviou”. Jesus revelava o Pai e a si mesmo como Filho, o Verbo, enviado pelo Pai a pregar e realizar a nossa salvação. Em que esta consiste, diz a outra expressão freqüente de Cristo: “Vosso Pai celeste”. Deus nos salva, adotando-nos como filhos seus, por Cristo, no Espírito Santo. Jesus revela o Pai por palavras e gestos, por suas atitudes e seus milagres; atitudes que manifestam seu amor, refletindo o amor do Pai para com os homens, milagres, sinais do poder divino iluminado pela sabedoria e motivado pelo amor de Deus. “*Etiam factum Veri verbum nobis est*”, diz Santo Agostinho. Também o feito da palavra

é palavra para nós. Por seus ensinamentos e ações, por toda a sua vida Cristo é revelação do Pai de modo que ele pode afirmar de si: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,9).

Depois de agir e falar, anunciando o Pai, Jesus, conforme o testemunho dos evangelhos, costumava retirar-se para orar, falando ao Pai. Dialoga com os homens e não deixa de dialogar com Deus. É o Verbo que fala ao Pai e dirige a sua palavra a nós, seus irmãos. Este duplo diálogo com Deus e com os homens, Cristo o mantém no amor do Espírito Santo. Narra São Lucas que naquela hora Jesus exultou no Espírito Santo e disse: "Pai, Senhor do céu e da terra. . ." (Lc 10,21). Sob a ação do Espírito do Senhor anuncia a Boa Nova a nós homens (Lc 4,18). O fato de Cristo falar por amor significa que sua palavra não transmite só um conteúdo objetivo, destinando-se apenas à instrução intelectual dos ouvintes. A palavra do Verbo nasce do amor e desperta o amor. É vida e gera vida.

O Verbo encarnado, "Palavra da Vida" (Jo 1,1)

Diz o prólogo de São João que no Verbo "estava a vida e a vida era luz dos homens" (Jo 1,4). Encontramos um comentário do Verbo-luz-vida nas palavras de Cristo. "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas mas terá a luz da vida" (Jo 8,12). Feito homem, o Verbo comunica a luz ou a vida eterna na vida eterna propriamente dita: a visão de Deus (1 Jo 3,2). Recebemos esta vida da graça pela fé e pelos sacramentos da fé. Se aceitamos com fé a palavra de

Cristo, passamos da morte para a vida (Jo 5, 24), se cremos com fé viva, vivendo a mensagem de Jesus. Nosso Senhor insiste na vivência prática de sua palavra. "Nem todo aquele que diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus" (Mt 7,21).

Quem ouve a palavra de Deus e a põe em prática é irmão de Cristo (Lc 8,21). Vivendo a mensagem do evangelho, somos irmãos do Verbo encarnado, parecidos com ele que não apenas falava mas fazia, que praticava o que ensinava aos outros, que podia apresentar-se como modelo de serviço humilde e amor fraterno (Jo 13,14.34). Se apenas ouvimos a palavra de Deus, sem praticá-la, ela se torna palavra vazia em nosso ouvido e idéia abstrata em nossa mente, distante e diferente da realidade a ser vivida. Se, pelo contrário, realizamos a palavra do evangelho, nos tornamos imagens e irmãos do Verbo Eterno, Palavra e Idéia idêntica com a realidade, a natureza divina do Pai. O Verbo abraça a realidade do Pai no amor que, transborda dentro da Trindade, pelo Espírito Santo se derama para fora de Deus, infundindo o Espírito em nossos corações, ajudando-nos a viver e realizar a palavra de Cristo. Revelando o Pai e dando a vida da graça, a palavra do Verbo encarnado é palavra da nova aliança, fazendo conhecer o Pai com quem se conclui aliança e introduzindo a intimidade de vida com ele.

Palavra do Verbo encarnado, palavra de aliança

As palavras que o Senhor mandou transmitir através de Moisés foram a base da aliança que fez com Israel (Êx 34,27). Em Cristo, o Verbo encarnado, Deus conclui a nova e eterna aliança com a Igreja. Pela plenitude da revelação, dada em sua Palavra, feita homem, Deus se comunica melhor e entra em comunhão mais perfeita com os homens.

Depois de anunciar as palavras da lei, Moisés ofereceu um sacrifício de animais, derramando sobre o altar e aspergindo sobre o povo o sangue da aliança (Êx 24,8). Jesus se torna mediador da nova aliança, derramando seu próprio sangue no sacrifício da cruz (Lc 22,20). Foi no amor ao Pai e a nós homens que o Senhor realizou o sacrifício de sua vida (Jo 14,31; 15, 13), no amor do "Verbo que expira o Amor". Enquanto a palavra de Jesus é o eco da Palavra Eterna que ressoa na boca da humanidade assumida pelo Verbo, o sacrifício de Cristo, o derramamento de seu sangue, é imagem e reflexo da procedência do Espírito Santo no mistério da Trindade

(assim o explica o famoso teólogo Scheeben). O Pai e o Filho fazem transbordar seu amor mútuo e o derramam, comunicando-o um ao outro. De modo semelhante, Jesus, o Verbo encarnado, manifesta seu amor transbordante ao Pai e a seus irmãos humanos, derramando seu sangue na cruz.

Imagem da efusão do Espírito Santo na Trindade, o derramamento do Sangue do Coração de Jesus é fonte e causa de sua infusão em nossos corações. Indo deste mundo ao Pai, através de sua morte e ressurreição, Cristo nos envia o Espírito Paráclito (Jo 16,7). Comunicando-nos o Espírito e sua caridade, Jesus consuma a nova aliança, gravando a lei de Deus em nossos corações (Jer 31,33). Impulsionados pelo Espírito Santo, cumprimos com amor espontâneo a lei divina, amando a Deus sobre todas as coisas e o próximo por causa de Deus, cumprindo os outros mandamentos por amor a Deus e a nossos irmãos. É a nova e eterna aliança que nos une a Deus e entre nós, no amor do Espírito Santo que Cristo anunciou e pelo sacrifício de seu sangue nos infunde.

Terceira Parte

A MISSÃO DO VERBO ENCARNADO, CONTINUA NA IGREJA

Durante três anos Jesus pregou o evangelho, anunciou a palavra de Deus. Houve, porém, os que não queriam aceitar o mestre de Nazaré que se apresentou como Messias e

Filho de Deus. Conseguiram eliminar o profeta incômodo. O Verbo foi reduzido ao silêncio; a Sabedoria, crucificada, é tida como loucura (1 Cor 1,23). O filho de Deus viu-

se abandonado pelo Pai, entregue à sanha de seus inimigos, privado no íntimo de sua alma, do consolo e conforto sensível do Espírito Santo. Foi o grão de trigo que caiu na terra e morreu para produzir muito fruto (Jo 12, 24). A voz do Verbo, reduzida ao silêncio pela morte na cruz, ressoa de novo no Cristo Ressuscitado e se multiplica nas vozes de sua Igreja.

A Igreja enviada por Cristo

No fim de sua vida terrestre, Jesus, pode dizer que terminou a tarefa que o Pai lhe deu. Manifestou aos homens o nome do Pai (Jo 16,4.6). Cumprida a sua missão, o Senhor envia os apóstolos: "Ide, pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16,15). Os apóstolos, por sua vez, em nome de Jesus Cristo, transmitem sua missão a seus sucessores, os bispos, auxiliados pelos presbíteros. A todos os fiéis por meio do batismo e da crisma, o próprio Senhor destina ao apostolado (*Lumen Gentium*, 33). Todos, pastores e fiéis, cada um em seu lugar e com a competência que o próprio Cristo lhe atribui, têm a missão de anunciar a palavra de Deus; seja na evangelização que é o primeiro anúncio global da mensagem de Jesus, ou na catequese que visa um aprofundamento sistemático, ou na homilia, a pregação da palavra feita na liturgia, ou também na palavra pessoal dita a um irmão na hora oportuna.

Testemunhas de Cristo

Os mensageiros da palavra cumprem sua missão como testemunhas de Cristo. "Vós sereis minhas testemunhas", disse o Senhor Ressusci-

tado aos apóstolos (At 1,8) e o diz também aos que, de um ou outro modo, recebem a missão de pregar o evangelho. Jesus mesmo foi "a testemunha fiel" (Apoc 1,5), dando testemunho do que viu e ouviu junto do Pai (Jo 3,32), como Deus conhecendo o Pai, como o Pai conhece o filho (Mt 11,27), como homem gozando desde o primeiro instante de sua vida terrestre da visão de Deus. Os apóstolos, por sua vez, fazem questão de anunciar aquilo que viram, ouviram e apalpam em Cristo, o Verbo da Vida (1 Jo 1, 1-3). São testemunhas oculares e auriculares. Dão testemunho por sua palavra e vida, de modo que São Paulo pôde escrever aos Filipenses: "O que ouvistes de mim e me vistes fazer, ponde-o em prática" (Fil 4,9).

Nós que não tivemos contacto direto com o Cristo terrestre, damos testemunho do que aprendemos sobre Jesus na Escritura e na Tradição da Igreja, autenticamente interpretadas pelo magistério do Papa e dos bispos (*Vaticano II*, *Dei Verbum*, 10). Insistem Cristo e sua Igreja que nosso testemunho não seja apenas de palavras, mas também de vida. Somos sal da terra e luz do mundo, guardando em primeiro lugar e ensinando os mandamentos de Deus (Mt 5,13-15; *Lumen Gentium*, 12, 35). Sendo testemunha de Cristo, a Igreja anuncia Cristo. Assim o diácono Filipe explica ao etíope a Boa Nova de Jesus (At 8,35). Paulo, imediatamente após sua conversão, prega nas sinagogas de Damasco que Jesus é o Cristo, Messias, o Rei-Salvador e o Filho de Deus, (At 9, 20.22). Cristo prega Cristo, diz Santo Agostinho. Cristo, por meio de suas testemunhas, anuncia Cristo.

Vozes do Verbo

O Senhor envia sua Igreja a “pregar o evangelho” (Mc 16,15). Pregar, *keryssein* no grego, significa, segundo o sentido original do termo, proclamar a mensagem, falar como arauto ou porta-voz de alguém que envia com autoridade. Anunciando o evangelho, somos porta-vozes de Cristo que, revestido de todo o poder do céu e da terra, envia sua Igreja (Mt 28,18). Somos porta-vozes, arautos de Jesus ou vozes do Verbo. Os Padres atribuíam este título-voz do Verbo, a João Batista, “voz que clama no deserto” (Mc 1,3), anunciando o Verbo feito homem prestes a se manifestar. Segundo Santo Agostinho, também os profetas eram “vozes que o Verbo enviou, permanecendo ele mesmo junto do Pai. Depois de ter enviado tantas e tão grandes vozes, o próprio Verbo veio em seu veículo, em sua voz: sua carne”. Generalizando o Doutor de Hipona declara: “Todo homem anunciador da palavra é voz do Verbo”. Em todos nós que pregamos a mensagem de Cristo, o Verbo encarnado, ressoa, faz-se ouvir o eco da Palavra Eterna.

De um porta-voz ou arauto se exige que seja objetivo, transmitindo a mensagem tal qual lhe foi confiada. Também nós, arautos de Cristo, vozes do Verbo, temos que anunciar com fidelidade a doutrina recebida. Podemos e devemos adaptá-la aos nossos ouvintes, como o Verbo, fazendo-se homem, se adaptou aos homens, falando de um modo acessível ao povo de seu tempo e seu país. Como, todavia, o Verbo, ao encarnar-se, não deixou de ser Verbo, a Palavra do Pai, assim nós, embora

considerando as aspirações de nossos contemporâneos, não podemos modificar ou falsificar o conteúdo da Palavra de Cristo. Sendo objetiva, transmitindo com fidelidade o “recado”, a voz do Verbo deve ser também subjetiva, no sentido de participar pessoalmente da mensagem, sentindo-a, vibrando com ela, vivendo-a. Não pode ser um microfone ou alto-falante que não entende nem sente o que o orador fala por meio deles.

Para ter participação pessoal na mensagem que transmitimos, precisamos cultivar o contato com Cristo, o Verbo encarnado, por meio do estudo e de uma genuína vida espiritual. Como o Verbo, mesmo fazendo-se homem, continua repousando no seio do Pai (Jo 1,18), como o discípulo predileto de Jesus repousava no peito do mestre na última Ceia (Jo 13,23), haurindo, desta intimidade as riquezas de seu evangelho (Orígenes), assim devemos conservar a união pessoal e profunda com Cristo para sermos vozes autênticas do Verbo, objetivamente fiéis à sua mensagem, subjetivamente dela participando. É voz genuína do Verbo quem se mantém unido a Cristo, o Verbo encarnado, e é dócil ao seu Espírito.

Para ser voz do Verbo não basta o sopro físico que passa pelas cordas vocais, formando a palavra humana. É necessário o sopro de Deus, o Espírito Santo, que dá um timbre divino à voz de quem fala e comunica a sonoridade de Verbo e o ardor do Espírito à palavra do homem que ao Verbo empresta sua voz. Cristo prometeu aos apóstolos: “Eu vos darei boca e sabedoria” (Lc

21,15), sabedoria no coração e eloquência na boca, comenta São Boaventura. Sabedoria e eloquência são os dons próprios de Jesus, Sabedoria e Palavra do Pai. Por outro lado Jesus anuncia dar as mesmas graças por meio de seu Espírito: "O Espírito Santo vos sugerirá o que deveis dizer naquela hora" (Lc 12,12). Na última ceia Cristo promete enviar a seus discípulos o Espírito Paráclito, que lhes recordará tudo o que ele disse e os introduzirá em toda a verdade, dando-lhes a compreensão da palavra do mestre, e os ajudará a dar testemunho de Cristo (Jo 14,26; 15,26; 16,13).

No dia de Pentecostes, o Espírito prometido desce sobre os apóstolos, sob os sinais do vento forte que simboliza o dinamismo da palavra e das línguas de fogo que significam o dom da palavra inflamada no amor (At 2). Também os fiéis, cheios do Espírito Santo, anunciavam com coragem a palavra de Deus (At 4,31). Discutindo com o diácono Estêvão, os judeus "não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito que o fazia falar" (At 6,10), não encontravam palavras para responder à sabedoria e eloquência de Estêvão, homem cheio do Espírito Santo. Sabedoria e eloquência apostólica são, pela semelhança que tem com ele, dons do Verbo, Sabedoria e palavra eloqüente do Pai. Mas por serem dadas pelo amor de Deus, a Bíblia e a tradição da Igreja as atribuem mais frequentemente ao Espírito Santo, o Amor do Pai e do Filho. O Espírito Santo comunica ainda à sabedoria e eloquência o dom que lhe é próprio: o amor. Faz o mensageiro da palavra falar por amor. Torna-o servi-

dor da palavra (Lc 1,2) que não se serve da palavra de Deus para satisfazer vaidades humanas, mas que serve à palavra, anunciando-a para a glória de Deus e o bem dos homens. É a "caritas praedicandi", a caridade de pregar, segundo a expressão de Santo Agostinho.

O Verbo se fez carne pelo Espírito que desceu sobre a Virgem Maria. Continua o Verbo a encarnar-se (em sentido análogo, de semelhança) em seus mensageiros, continua ressoando em suas vozes pela ação do Espírito e a mediação de Maria. Ela, a mãe de Jesus, estava no meio dos apóstolos, depois da ascensão de Cristo, implorando com eles, em oração unânime, a vinda do Espírito prometido (At 1,14). Maria Santíssima, mãe da Igreja, juntamente com seu Filho roga ao Pai que envie o Paráclito aos mensageiros e testemunhas de Cristo, vozes do Verbo, dando-lhes "boca e sabedoria", sabedoria no coração e eloquência na boca.

Palavra e Sacramento

Jesus enviou seus apóstolos não somente a ensinar, mas também a batizar (Mt 28, 19). Com a missão de pregar a penitência, a remissão dos pecados, deu-lhes o poder de perdoar os pecados pelo sacramento da penitência (Lc 24,47; Jo 20,19-23). Anunciando o Cristo crucificado e ressuscitado, os apóstolos e seus sucessores, os bispos, com seus auxiliares, os presbíteros, celebram também, na eucaristia, o memorial da morte e ressurreição do Senhor (1 Cor 11,25s). Assim a Igreja, enviada por Cristo, completa o anún-

cio da palavra pelo ministério dos sacramentos.

Sacramento — palavra. O sacramento tem íntima relação, afinidade e conexão com a palavra. No próprio rito sacramental entra a palavra, conforme a célebre frase de Santo Agostinho: "Acresce a palavra ao elemento e se torna sacramento". Com a infusão da água, por exemplo, se une a fórmula do batismo: "Eu te batizo em nome do Pai..." A matéria mesma e seu uso possuem a linguagem do símbolo, derramada sobre a pessoa, significa a purificação espiritual de sua alma.

Sacramento — palavra eficiente. A palavra, unida à matéria do sacramento, é imagem do Verbo encarnado, a Palavra Eterna unida à matéria de sua humanidade (Santo Tomás). É do Verbo feito carne que o sacramento, palavra e matéria, recebem sua força.

Afirmam os documentos de Medellín, que a palavra alcança sua máxima eficácia nos sacramentos. Explica-o a Constituição sobre a Liturgia (n.º 6) do Vaticano II, ensinando: a palavra anuncia, o sacramento realiza. A preparação anuncia a morte e ressurreição do Senhor, a Liturgia dos sacramentos realiza o mistério pascal de Cristo em nós. O batismo nos une a Cristo crucificado e ressuscitado fazendo-nos morrer ao pecado e ressurgir para a vida da graça. Na eucaristia, pelas palavras da consagração ditas sobre pão e vinho, torna-se presente o sacrifício do Corpo e Sangue do Senhor para que dele participemos, oferecendo a Vítima Divina e a nós próprios, recebendo o

corpo de Jesus na comunhão eucarística. As palavras da consagração possuem esta força por serem palavras de Cristo, o Verbo, a Palavra pela qual tudo foi feito (Jo 1,3; Santo Ambrósio). Também as palavras e gestos dos outros sacramentos têm a sua eficiência porque são executados em nome de Cristo, o Verbo encarnado que, dizendo uma só palavra (Lc 7,7) acrescentando frequentemente um gesto, fazia os maiores milagres.

Palavra e sacramento eficientes

A palavra anuncia, o sacramento realiza, não, porém, em sentido exclusivo. Pois também a palavra possui alguma força de realizar. Diz o apóstolo São Paulo que a fé vem da pregação (Rom 10,17). A palavra anunciada suscita e nutre a fé, ensina por sua vez o Concílio (Presbyterorum Ordinis, 4). Pela pregação os ouvintes são preparados a receber a graça de Deus que lhes abre o coração, atraindo-os para Cristo (At 16,14; Jo 6,44). Conforme explicam teólogos, a palavra por si mesma, por ser palavra de Deus anunciada por seus enviados, palavra do Verbo na boca e voz de seus mensageiros, esta palavra abre e atrai os corações, iluminando a mente dos ouvintes e movendo sua vontade. De uma ou outra maneira, a palavra de Deus é viva e eficaz (Hebr 4,12), suscitando em nós atos de fé, convidando-nos a progredir para atos de esperança e amor.

Maior, todavia, é a eficácia dos sacramentos. Neles atua mais intensamente o Verbo do Pai que expira o amor do Espírito. Somos pelos sacramentos mais intimamente uni-

dos ao Senhor Morto e Glorificado. É-nos com abundância, pela palavra e gesto dos sacramentos, a vida da graça, merecida por Cristo, infundida pelo Espírito Santo. Em virtude dos ritos sacramentais não apenas suscitamos atos de fé, possuímos a plenitude da graça, a graça santificante de que emanam, como forças novas e divinas, as virtudes da fé, esperança e caridade.

O Verbo enviado aos corações pela fé viva

Palavra e sacramento geram em nós a fé viva, a fé que suscita a esperança e opera caridade (Gál 5,6). O fruto do anúncio da Palavra, consumado pelos ritos sacramentais, é o dom da fé que, juntamente com as virtudes da esperança e caridade, brota do fundo da alma divinizada pela graça santificante. É por meio desta fé viva que Cristo habita em nós. Assim o ensina o apóstolo São Paulo: "Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e fundados na caridade", (Ef 3,17).

Jesus está presente em nosso íntimo, em sua personalidade divina, como Sabedoria e Palavra de Deus feita homem. Santo Agostinho comenta a oração que o sábio dirige a Deus: "Dá-me a sabedoria, assistente de teu trono. . . envia-a do trono da tua glória" (Sab 9,4.10). Explica o grande doutor que a Sabedoria foi enviada ao mundo para ser homem e é enviada para estar com o homem. É por meio do conhecimento, da sabedoria que ela nos comunica que a Sabedoria habita em nós. O Doutor Angélico, Sto. Tomás de Aquino, por sua vez, ensina: o Filho de Deus é-nos enviado aos

corações por aquela "instrução do intelecto que prorrompe no amor". Somente por meio de um tal conhecimento não frio, intelectualista e abstrato, mas ardente em amor, somos semelhantes ao Filho de Deus que não é palavra qualquer, mas "Palavra que expira o amor". A fé viva, a fé que opera pela caridade (Gál 5,6) é a imagem do Verbo, a impressão de sua personalidade divina que ele deixa em nossa mente. Com esta imagem sua, a fé viva, conservando-a e aperfeiçoando-a, o Verbo continua presente em nós. Pela fé, Cristo, o Verbo encarnado, "habita em nossos corações, arraigados e fundados na caridade" (Ef 3,17).

Com o Verbo, o Espírito e o Pai presentes em nós

São Boaventura, o Doutor Seráfico, usa em seus escritos a expressão: "o Verbo inspirado no coração pela fé". O Verbo é-nos inspirado, é-nos dado pelo Sopro de Deus, o Espírito Santo. É por amor, o amor de seu Espírito, que Deus nos faz o dom da fé pela qual Cristo habita em nós. Na fé viva há também algo que é próprio do Espírito Santo, reflexo de sua personalidade divina: é o amor que a fé ilumina. O Espírito se derrama em nós como Dom de amor do Pai e do Filho. O Amor que imprime em nossos corações a imagem dele: a virtude da caridade. O Verbo e o Espírito Santo são-nos dados ou enviados pelo Pai. Inseparavelmente unido ao Filho de sua mente e ao Espírito de Amor que lhe brota do coração, o Pai vem com eles fazer sua morada em nós (Jo 14,23).

Desta maneira, pela palavra e os sacramentos da Igreja, que nos infundem a fé viva e a graça, Deus Uno e Trino vive em nossos corações. A Igreja ensina e batiza em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, consagrando os homens às Pessoas Divinas, fazendo a Santíssima Trindade habitar em nós.

Concluindo

O Verbo enviado ao mundo pelo Pai, no fim de sua vida terrestre, transmite sua missão à Igreja. Envia seus mensageiros que lhe servem de testemunhas, arautos, porta-vozes, vozes do Verbo, cheios do Espírito Santo. A Igreja, enviada por Cristo, prega Cristo, anunciando Jesus, o Cristo e Filho de Deus (At 9,20,22). Os que aceitam a palavra e professam sua fé: "Eu creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus" (At 8,37), são batizados "em nome de Jesus Cristo" (At 2,38), sendo consagrados ao Cristo Senhor. Anunciando a palavra e ministrando o batismo, a Igreja gera a fé viva e a vida da graça nos homens (Lumen Gentium, 64), fazendo Cristo habitar pela fé em seus corações. Ensina São Gre-

gório Magno: "Quem é irmão ou irmã de Jesus por meio da fé, torna-se mãe pela obra da palavra (Lc 8,21). Se alguém com sua palavra faz nascer na alma do próximo o amor pelo Senhor, ele como que gera o Senhor porque o faz nascer no coração de quem escuta sua palavra e torna-se mãe do Senhor".

Pela fé viva, fruto da palavra e dos sacramentos, Cristo habita em nós. É enviado em nossas almas, pelo dom da fé e da graça, Jesus, a Sabedoria Eterna, "o Verbo que expira o Amor", "o Verbo inspirado pela fé no coração, inspirado pelo Sopro de Deus, o Espírito Santo que se nos comunica pelo dom da caridade, tornando viva, ardente e operante a nossa fé. Com seu Verbo e o Espírito de seu amor, o Pai vem fazer morada em nós, vivendo assim Deus Uno e Trino em nossos corações. Continuando, dentro da Igreja, a missão de Cristo, o Verbo encarnado, "damos testemunho do Verbo da vida" para que tenhamos comunhão entre nós e "comunhão com o Pai e seu Filho Jesus Cristo", na "comunhão do Espírito Santo" (1 Jo 1,1-3; 2 Cor 13,13).

UMA PIONEIRA NA EDUCAÇÃO DA FÉ

Ir. Maria Clara Madalena, RA

1. Introdução

A 9 de fevereiro deste Ano Jubilar de 1975, foi beatificada ANNE-EUGÊNIA MILLERET DE BROU (MADRE MARIA EUGÊNIA DE JESUS), fundadora da Congregação de Nossa Senhora da Assunção (1817-1898). Sua vida, baseada em documentos descobertos só em 1970, foi escrita com o título *Feu vert au bout d'un siècle* (Sinal verde depois de um século). Pioneira em liturgia, educação e idéias sociais, foi — como muitos pioneiros — incompreendida pelos contemporâneos. Na impossibilidade de realizar o seu ideal, teve de renunciar a ele momentaneamente, não sem grande sofrimento: “Colocar o ideal abaixo do que Deus no-lo mostra, me repugna muito”. Guardou, porém, a

esperança de que viriam dias melhores, em que sua Congregação pudesse atingir seu pleno significado.

2. Um pouco de história

A primeira metade do século XIX foi um período defícil para a Igreja da França, que saía engrandecida, porém, machucada pela grande prova revolucionária. Muitos católicos, pequenos e grandes, não souberam desvencilhar-se da tentação, bastante excusável, de se agarrar às suas prerrogativas reencontradas. E ocorreu novamente a corrida aos interesses imediatos.

Por outro lado, a Igreja oficial, prisioneira de sua opção contra-revolucionária, tardou em reconhecer que nem tudo era negativo no ideal

de liberdade e fraternidade de 1789. Homens eminentes, como o escritor José de Maistre, profeta da transcendência de Deus, não lhe mostrara o poder de Deus em todos os sofrimentos dos homens? Não afirmara que também a violência e a crueldade eram devidas à ação da Providência, para purificação do pecado, mesmo quando exercidas sobre inocentes? Visão trágica do mundo, em si mesma discutível, mas certamente explorada a tempo e a contratempo em certos meios católicos para manter as injustiças sociais e recusar, a priori, toda reforma de estruturas.

Mas havia também espíritos bastante abertos para compreender a necessidade de uma Igreja renovada e a urgência de penetrar na verdade do Evangelho a vida social e política. Estes católicos fervorosos sustentavam as reivindicações à liberdade dos poloneses, irlandeses e italianos do Norte; faziam eco “à queixa ainda fraca” da classe operária, esmagada pelo capitalismo nascente. Entre eles, Lamennais e seus amigos. Aí se encontrava Buchez, o “socialista cristão”, e também, nestes primeiros anos de fundação, Madre Eugênia de Jesus. Eram eles a ala progressista do catolicismo em perspectiva de 100 anos. E a Igreja oficial permanecia reticente.

A leitura das cartas inéditas e dos textos autênticos de Madre Eugênia permite-nos conhecê-la na sua verdadeira luz. Aí se nos revela vibrante, apaixonada, comprometida com todo seu ser nas lutas de idéias da Igreja de seu tempo, tomando ardentemente posição, a favor e contra todos, naquilo que acredita ser a causa de Jesus Cristo. Dando-se a

Jesus completamente, no ardor dos seus 19 anos, ela lhe trouxe a exigência da autenticidade do absoluto de sua juventude, e seu sonho de “renovação do mundo” pela lei do Amor, de que a Igreja é depositária. Se não é religiosa puramente contemplativa, como é aspiração de toda uma parte de seu ser, é porque:

◆ Ela “pensa ter uma missão na terra: fazer conhecer a Jesus Cristo, Libertador e Rei do mundo”.

◆ Ela crê que deve trabalhar, pela educação, na transformação do mundo segundo Cristo.

◆ Parece-lhe que “as conseqüências terrestres da Redenção” na qual quer colaborar na Igreja, são o advento de uma “sociedade verdadeiramente cristã”, isto é, onde o Amor é Rei.

De 1841 a 1845 assinalamos 14 cartas que, em todo ou em parte, tratam a questão. Eis como se pode resumir a história de seu pensamento:

Eugênia Milleret, convertida, experimenta bem depressa amarga *desilusão*, verificando como muitos católicos de seu tempo, e não dos menores, vivem certas exigências do Evangelho. Esta desilusão é-lhe proporcional à esperança que a domina: impossível que a transformação do mundo não se realize a partir da lei de Amor do Evangelho. Sente-se chamada por Deus a trabalhar nessa transformação do mundo pela *educação*, ajudando as jovens a se libertarem pessoal e comunitariamente do egoísmo e a viverem no amor. Mas o conjunto dos que a cercam tacham de “utopia” aquela esperan-

ça. Acham eles que os sofrimentos atuais da sociedade são conseqüências inelutáveis do pecado.

Daí, na fundadora: um sentimento doloroso de *solidão*, diante da incompreensão geral; *escrúpulos* em relação às suas "idéias de reforma" que lhe são apresentadas como forma de orgulho e suficiência, nela e em suas irmãs; *hesitações* frente à inquietude suscitada por sua obra; profundo desânimo face à missão, à qual ela não pode corresponder exatamente segundo o seu ideal; e até um certo *temor* de sair da ortodoxia da fé.

Entretanto, em seu coração, o Espírito Santo lhe diz que *ela tem razão*. Sua intuição espiritual lhe faz adivinhar a obra do Vaticano II e esperá-la de todo o coração.

3. Alguns textos

"Coisa estranha: ninguém se ofende por um disparate, mas muitos se espantam daquilo que denota vontade de ser forte e de ter uma ação diferente (*tranchée*) e positiva, mesmo em nossa pequenina esfera" (ao P. d'Alzon, 1842).

Desilusão. "Eu estava realmente convertida e tivera o desejo de doar todas as minhas forças, ou melhor, toda minha fraqueza à Igreja que, unicamente, de agora em diante, a meus olhos, tinha na terra o segredo e a força do bem. Mas os membros desta Igreja, eu os desconhecia, e os sonhava como apóstolos. Devia, mais tarde, *encontrar homens*. Eis aí, Padre, propriamente a fonte das amarguras e desespero que algumas vezes me atormentam" (ao P. Lacordaire, 1841).

Grande esperança. Uma "sociedade" transformada pelo Cristo. "Creio que Jesus Cristo nos libertou do passado pelo seu sacrifício a fim de nos deixar livres para trabalhar na realização da Palavra divina que veio trazer. Creio que cada um de nós tem uma missão *na terra* e que, desde logo, é preciso fazer compreender que o fundamento do cristianismo não é somente empenhar-nos em buscar por todas os meios a *nossa* felicidade eterna, mas também procurar em que Deus se serviu de nós para a difusão e realização de seu Evangelho. Concebeu, senhor Padre, a beleza de uma sociedade verdadeiramente cristã? Alguns dizem: "Bela utopia!" Confesso-lhe, esta palavra me escandaliza. Dizer que a meta *do mundo* seja o Reino de Cristo, quem ousaria? Fazer conhecer Jesus Libertador e Rei do mundo: eis, para mim, o começo e o fim do ensino cristão" (ao P. Lacordaire, 1841).

"Todo homem deve ser resgatado, pelo sangue de Cristo, da fatalidade de seu nascimento. Vejo na Redenção uma obra de libertação universal não ainda realizada, e a vida religiosa, para mim, hoje é também obra de redenção dos cativos. Quero dizer que as *Instituições sociais* devem socorrer aqueles que, infelizmente, nascem fora das condições que asseguram a liberdade moral, os que não encontram educação cristã na família, nem liberdade de condição honesta na miséria. Como só conheço as ordens religiosas para realizar esta "utopia" e garantir a educação cristã que a *todos assegura* a liberdade moral conquistada por Cristo, sou religiosa. Para mim, a

meta das ordens religiosas é fazer chegar a todos os últimos efeitos da Redenção” (ao P. d’Alzon, 1843).

Trabalhar, pela educação, nesta transformação. “Eu julgava compreender que, através dos tempos, esta lei — do Evangelho — combatida, sempre semeada de obstáculos, mesmo pelos cristãos, pedia a dedicação de alguns que lhe preparassem almas para ajudar o enobrecimento, a força, o desapego comunicados às gerações nascentes e às realizações futuras” (ao P. d’Alzon, 1844). As contradições vieram e seu sonho parece desmoronar, sonho que havia expressado nitidamente, com intuições quase proféticas, dois anos antes: “Nosso pensamento sobre esta obra é muito simples: verificamos quão pouca e superficial é a instrução das mulheres. Ignoram a natureza da religião, sua história, aquilo que lhes faria compreender o espírito social cristão. Acrescento que poucas jovens foram instruídas sobre a seriedade da vida e habituadas a cuidar das misérias que não vêem, a nunca se dobrar quando se trata do seu dever” (ao P. d’Alzon, 1842).

“Egoísmo e devotamento, eis todo o princípio do bem e do mal. Encarregando-vos da infância, é a missão de Cristo que quereis continuar. Seríeis indignas do santo hábito que vestis e do nome que vos dão, se vos contentásseis de dobrar a jovem às aparências e idéias de uma sociedade cristã mais de nome que de fato. Tudo quanto Santa Teresa pedia a Deus que enviasse às suas irmãs no dia em que abandonassem a pobreza, eu o pediria também para

vós no dia em que abandonásseis a santidade dos ensinamentos de Cristo pelo “savoir-faire” da habilidade mundana. Confiam-vos a criança já educada; o que resta a fazer é dizer-lhe a verdade de Cristo; mostrar-lha na prática; apresentar-lhe a fealdade do egoísmo do seu próprio coração, e depois rezar. O último objetivo de nossos esforços é tirar as almas de seu egoísmo natural, para que se dediquem, sem reservas, ao cumprimento da vontade de Deus, isto é, a tudo que é bom, santo, generoso” (às Irmãs, 1842).

Esta transformação, uma utopia. Por que Madre Eugênia tinha a impressão de ser quase a única a compreender assim a “obra colossal” da educação verdadeiramente cristã da classe burguesa? Lamennais e seus discípulos encontraram a mesma incompreensão e zombaria orgulhosa. Este generoso programa de “renovação social” no espírito das bem-aventuranças era, então, para a maioria dos católicos, uma “utopia” e até um sonho perigoso na situação existente. Os melhores se esforçavam, às vezes sinceramente, para demonstrar que as desigualdades sociais e o sofrimento da classe operária, como todas as outras injustiças, eram queridas por Deus, como expiação do pecado. A fundadora fervia de indignação ao quererem convencê-la da ortodoxia desta opinião que, para ela, “injetava a sonolência” nos espíritos e nos corações, “ópio do povo” no sentido próprio do termo.

Doloroso sentimento de solidão. “Quando encontro nos outros tão pouca harmonia entre a inteligência e o coração, e tão poucas idéias

hauridas no Evangelho, tanto respeito pelas objeções da razão humana, tanta confiança nos meios terrenos, sou tentada de amarga e dolorosa ironia” (ao P. Lacordaire, 1844). “Uma coisa é certa: quanto mais vivo, menos simpatia tenho pelos padres e leigos piedosos. Acho que nada compreendem, nada sentem: seu coração não vibra por nada de grande, e acho muitas vezes mais fácil me entender com uma pessoa do mundo, expondo-lhe claramente minha idéia” (ao P. d’Alzon, 1844). Diante dos obstáculos invencíveis, declara: “Deus me colocou no dever de agir. Eu devia me entregar a isso até que a impossibilidade estivesse na minha frente” (1841). “Tudo isso é tão amargo, tão incompreensível que, às vezes, penso ficar louca. Esta obra aí está à espera de vida, precisando de corajosos pioneiros que lhe abram caminho pelo sofrimento e força do Espírito” (1846). “É impossível que hoje a regeneração terrestre da humanidade, de sua lei social, não brote da Palavra de Cristo!”

Entretanto, Madre Eugênia está convencida de que não se engana; crê, com toda sua alma, que um dia seu sonho se realizará e que sua obra alcançará pleno significado. E é na certeza da fé que, no porvir, as idéias que deve sacrificar triunfarão, que ela oferece o que chama de “noite de sua inteligência oprimida por idéias que repele como opostas”: “Peço a Deus, que não se engana, que seu Reino chegue neste mundo. Talvez Ele, sabendo bem que não pode chegar por vias opostas às minhas, modificará as coisas, de modo que as pessoas que não me compreendem serão mais tarde o que dese-

jo. É o que acontece aos bispos em relação a M. Lamennais. Penso que, um pouco mais tarde, compreenderão talvez como eu” (ao P. d’Alzon, 1844).

“Colocar nossa meta abaixo do que Deus no-la mostra, me repugna muito” (ao P. d’Alzon, 1843).

Desde a conversão, Madre Eugênia teve a intuição do que devia ser a educação cristã, para contribuir na transformação da sociedade. Seu amor apaixonado por Cristo, “Liberador e Rei do mundo”, facilitava-lhe todos os sacrifícios, dava-lhe toda a coragem. “Para mim, a verdadeira meta, o sinal distintivo de uma obra é a consagração interior a tal ou qual mistério divino, em relação ao qual ela seja como homenagem sempre subsistente. Creio que somos chamados a honrar o mistério da Encarnação e a sagrada pessoa de Cristo, como também a adesão da Santíssima Virgem. Eis o que caracteriza nossa visão sobre a educação. Maria se nos apresenta bem nossa mãe, como a alma puramente humana e mais revestida da vida de Jesus Cristo” (ao P. d’Alzon, 1843).

O pensamento que presidiu à fundação da Assunção é de “zelo”, no sentido do salmo que o Evangelho aplica a Cristo: “O zelo de tua casa me consome” (Jo 2,17). Fazer penetrar Cristo na sociedade, libertando-a do egoísmo que traz consigo a incredulidade; anunciar-lhe a lei do amor, fazendo-a viver desta lei; numa palavra, tornando-a cristã” de fato. Para alcançar isto:

◆ **Os estudos.** Para cristianizar as inteligências é preciso que os estudos sejam cristãos, que o cristia-

nismo "os impregne". Será preciso conhecer suficientemente Teologia, História e até Latim para compreender os textos dos Padres, na fonte do verdadeiro pensamento cristão. É isto para que a Fé se torne operante e domine os pensamentos, gostos e afeições dos homens no concreto da vida.

◆ **O Ofício.** "O Ofício nos torna filhas da Igreja: acompanhamos suas festas, cerimônias; as crianças conosco se acostumarão a amar a oração pública da Igreja, seus cantos e cerimônias. O Ofício cria uma devoção séria; permite assumir todas as suas intenções; é o que há de mais ortodoxo como perfeição; é prática que dispensa as demais" (Orígenes, I).

◆ **As visitas.** "Visitamos os pobres para mostrar que somos sempre suas irmãs e para não esquecer as realidades da vida. A religiosa não conhece os isolamentos, as inquietações, as humilhações da pobreza nem a contínua dependência de seu trabalho" (ao P. d'Alzon, 1842).

4. Um apelo para nossos dias

A apatia dos cristãos perante o mal do mundo é acabrunhadora. A Igreja, mormente com os documentos do Vaticano II, interpelem fortemente os educadores, confiando-lhes esta "obra colossal", que ela hesitava em aprovar para Madre Eugênia. Esta apatia dos corações adormecidos se manifesta em escala sempre maior pela "separação entre fé e responsabilidade social", sendo a fé, para muitos cristãos, apenas "a adesão a um credo e a princípios morais" (Medellin, 8,10), ao invés

de "iluminar todas as coisas com uma luz nova e fazer conhecer o desígnio divino acerca da vocação integral do homem" (GS, 11a,2).

Ora, a Escola Católica deve enfrentar este mal. Ela tem por missão "educar os alunos na promoção eficaz do bem da cidade terrestre", preparando-os para o "serviço a favor da dilatação do Reino de Deus" (GE, 8a,3). "Estamos nesta terra para trabalhar no advento do Reino de nosso Pai celeste", dizia Madre Eugênia. Não podemos minimizar o conteúdo de exigência deste termo: "Soou a hora da ação. Que todos os homens assumam suas responsabilidades", nos repete Paulo VI (P. P. 80,3-4).

A educação dos jovens deve, mais do que nunca, "suscitar homens e mulheres de forte *personalidade*, tão urgentemente requeridos por nosso tempo" (GS 31a2) e que ponham ao serviço do mundo "toda a sua competência, entusiasmo e amor desinteressado" (P.P. 75,3). O ardor apostólico que a educação deveria suscitar nos corações juvenis se baseia na visão de fé exaltante: "Cristo inaugurou na terra o reino dos céus; reino já presente em mistério" (LG 3,2-3), para "atingir a perfeição quando o Senhor vier (GS 39c,2).

Para "preparar a matéria do reino dos céus" a Igreja chama os cristãos a "se dedicarem ao serviço terreno dos homens" (GS 38a7). Porque "a expectativa da nova terra não deve enfraquecer; mas antes ativar a solicitude em ordem a desenvolver esta terra" (GS 39b2) e nos forçar a "trabalhar na renovação da men-

talidade e na introdução de amplas reformas sociais” (GS 57a2). Esquecemos facilmente de mais as “conseqüências terrestres da Redenção”, dizia Madre Eugênia. “Cristo libertou o mundo do pecado para que seja transformado, segundo o desígnio de Deus, e alcance a própria realização” (GS 2b). Cristo é bem o Libertador que Madre Eugênia gostava de considerar, “Salvador de que todos precisam para se libertar do pecado, da fraqueza, da solidão” (AG 8b,5), Senhor que veio “restaurar o homem em sua liberdade, renovando-o interiormente” (GS 13b3) e cuja “presença salvífica nos livra da opressão do mal ” (Medellin, Introdução, 6).

“Para nossa verdadeira libertação precisamos todos de profunda conversão que exige depois a mudança das estruturas injustas da sociedade” (Medellin, I, 3). Madre Eugênia falava de “devotamento”. O Concílio dirá: “O homem não pode se encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo” (GS 24c,2). Toda educação deveria somente se dedicar a revelar e a viver o Amor, isto é, o engajamento no serviço de Deus e dos homens. “A vontade do Pai é que comuniquemos aos outros o mistério do amor do Pai celeste” (GS 93a4).

LIVROS NOVOS

ANATOMIA DO SEMITISMO, Hugo Schlesinger e Pe. Humberto Porto. Edições Loyola, São Paulo, 1975. Páginas 310.

No Ano Santo de 1975, quando a Igreja Católica encoraja a busca dos caminhos da reconciliação, quis a Editora Loyola participar ativamente neste desafio de nossos tempos. Com o lançamento desta obra de um padre católico e de um jornalista judeu sobre um tema tão controvertido como complexo, abre a perspectiva de uma franca análise dos assuntos que até o presente não mereceram um tratamento objetivo e esclarecedor. Mostra o anti-semitismo uma face altamente matizada e flexível, podendo ser abordado por uma verdadeira multiplicidade de ângulos. Nas páginas de **ANATOMIA DO SEMITISMO** dissecaram os autores anatomicamente o corpo deste insidioso fenômeno em todas as direções, procurando o mais possível não deixar encoberta e desconhecida nenhuma de suas grandes peças.

Os autores evitaram cair em generalizações injustas de caráter acusatório

e em distorções abusivas fáceis de serem cometidas quando se ignoram os diferentes matizes da questão. Os fatos não foram extraídos do seu contexto histórico com finalidade discursiva. Nem se omitiu a pesquisa do reverso da medalha. Ressoam no livro também as vozes que desconhecem e desaprovam a linguagem do ódio e só apregoam o valor positivo do amor universal. Comprometidos com os princípios da justiça, da compreensão e da paz, não poderiam os autores por hipótese alguma fugir a esses imperativos. Inserido na perspectiva ampla do diálogo, este livro proclama a necessidade da recolocação do problema do anti-semitismo no quadro da história cristã, tal como é inseparável da história judaica.

O intento número um da discussão de todas as facetas de tão doloroso drama existencial foi o de fazer reluzir a verdade total. E o leitor pode constatar que a todo o processo de dissecação anatômica presidiu a preocupação exclusiva de construir para a fraternidade.

NOSSO DEUS, PAI, FILHO E ESPÍRITO SANTO, Pe. Tadeu Grings. Porto Alegre, 1974. Páginas 164.

Este livro surgiu inicialmente como polígrafos de aula no Instituto de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Traz os elementos básicos para uma reflexão sobre Deus Uno e Trino, a partir da Sagrada Escritura e da Tradição cristã. Fugindo dos problemas de fronteira, atém-se ao essencial, que constitui o fundamento da fé cristã no tocante à Santíssima Trindade. É o segundo volume da **Série Subsídios** do Instituto de Teologia e Ciências Religiosas. O autor, Pe. Tadeu Grings, é formado pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. É Reitor e Professor do Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição, de Viamão, RS.

**RECEBEMOS DA E. P. U.
EDITORA PEDAGÓGICA
E UNIVERSITÁRIA LTDA.**

1. KWARIP, MITO E RITUAL NO ALTO XINGU, Pedro Agostinho. Co-edição com a Editora da Universidade de São Paulo. Ano 1974. Páginas 250.

O tratamento dado aos problemas da etnologia religiosa, na área do Alto Xingu, deixa ainda muito a desejar. A grande massa de informação limita-se a notícias fragmentárias, que não facultam visão de conjunto e, sobretudo, melhor compreensão dos simbolismos e da própria lógica interna dos sistemas religiosos em geral. Por isso, este tra-

balho procura dar o primeiro passo rumo à análise do fenômeno religioso na área do Alto Xingu. Diante da impossibilidade de assistir a todo o ciclo ritual ligado ao Kwarip, o autor decidiu-se pela observação direta e descrição da festa principal. Nesta interpretação do Kwarip, a festa e a mitologia em que se estriba foram encaradas como um todo, dentro de um relacionamento social, econômico e geográfico. O ritual foi tratado como uma "linguagem" que o autor procura decifrar pela identificação de elementos recorrentes em diversos contextos. Os textos e crenças de ordem mitológica foram obtidos através de entrevistas, das quais participaram, conforme a necessidade, intérpretes índios, o que foi imperioso sobretudo para a reta compreensão de boa parcela de relatos míticos. A exposição apóia-se na cuidadosa descrição de cada fase dos rituais, completada por gráficos pormenorizados da coreografia e por fotografias tomadas em sucessão rápida. Tudo isto suplementado por esclarecimentos antes, durante e depois dos acontecimentos.

2. RECURSOS AUDIOVISUAIS PARA O ENSINO, Oscar M. de C. Ferreira e Plínio D. da Silva Junior. Em convênio com o Instituto Nacional do Livro. Ano 1975. Páginas 136.

A finalidade do livro é apresentar alguns recursos audiovisuais que podem promover aprendizagem eficiente. O livro considera alguma coisa além da pessoa que aprende. O ambiente que cerca o aluno cria aspectos de grande importância para a aprendizagem. Pensando neste conjunto de contingências que influem no processo de aprendiza-

gem, pode-se até falar em uma "ecologia da aprendizagem". Nesta ecologia ocupam lugar de destaque os recursos audiovisuais. Os diferentes componentes da situação de ensino apresentam, de acordo com Robert M. Gagné, oito funções: 1.^a) Apresentar o estímulo. 2.^a) Dirigir a atividade e a atenção do aluno. 3.^a) Fornecer um modelo para o comportamento final desejado. 4.^a) Fornecer elementos insinuadores externos. 5.^a) Orientar a direção do pensamento. 6.^a) Induzir a transferência do conhecimento. 7.^a) Avaliar o rendimento da aprendizagem. 8.^a) Proporcionar retroalimentação.

A linguagem oral, recurso de ensino mais utilizado pelo professor, pode ser bastante auxiliada por outros recursos que estimulem outros sentidos. Os sentidos são a ligação entre o mundo exterior e o homem e, se pensarmos numa ecologia da aprendizagem, deveremos criar um ambiente que permita estimular o maior número de sentidos possível. Estudando os cinco mais importantes sentidos do homem, os cientistas concluíram que a visão é o que apresenta maior possibilidade percentual de aprendizagem, cerca de 83%. A combinação do oral e do visual permite uma alta retenção e, portanto, uma facilidade muito maior na aprendizagem. Isto significa que as funções, anteriormente relacionadas, estão sendo melhor cumpridas.

Os recursos audiovisuais formam a combinação simples que oferece as melhores contingências para a aprendizagem. É importante levar em conta a participação da pessoa que aprende. Ela não pode ter uma atitude passiva, mas ativa, fazendo com que os sentidos

estejam alertas, absorvendo as informações. A criatividade do professor aliada à consciência das funções dos componentes da aprendizagem e das características particulares dos diferentes recursos é o elemento fundamental para que cada vez mais se torne eficaz a atuação do professor no processo da aprendizagem. Há um grande número de recursos audiovisuais. RECURSOS AUDIOVISUAIS PARA O ENSINO trata de alguns que, pelo fato de envolverem equipamentos, provocam certa reação contrária nos professores. Mas estes recursos são analisados nos seus aspectos particulares e são fornecidas instruções para a produção simplificada desses materiais.

3. ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA CULTURA GUARANI, Egon Schaden. Edição em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo. Ano 1974. Páginas 210.

O objetivo desta obra é o de captar, através da apresentação e discussão de alguns aspectos fundamentais da cultura, a maneira pela qual se desenrolam os processos aculturativos no choque entre a configuração cultural guarani e diversas formas de vida inerentes ou de algum modo ligadas à civilização ocidental, destacando, além do interesse etnográfico do material apresentado, também uma contribuição mais propriamente antropológica e uma contribuição dinâmico-funcional dos processos culturais. Os aspectos escolhidos para a análise são apresentados dentro de um enquadramento amplo, em que se procura introduzir, entre outras coisas, o problema da classificação dos subgru-

pos da tribo e os caracteres físicos dos guaranis. Na medida do possível, a exposição se orienta no sentido de sempre permitir ao leitor o confronto dos caracteres que imprimem unidade à cultura tribal guarani com as manifestações particulares e a especialização dessa cultura no sistema próprio de cada um dos subgrupos ou dos vários núcleos existentes em território brasileiro. O trabalho do Professor Schaden é obra de leitura obrigatória para professores e alunos dos cursos de Antropologia, Sociologia, História e Língua Indígena do Brasil, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação.

YOGA E MONTESSORI, PERSPECTIVAS HUMANAS, Júlio Maran. Edições Loyola. São Paulo, 1975. Páginas 256.

Este livro do Professor Maran relaciona dois assuntos de atualidade: **Yoga e Educação**. Com relação ao Yoga, ele traz à baila temas interessantes e inéditos, como, por exemplo: ● Yoga, um compromisso com a vida. ● Yoga, um balé místico. ● Yoga, um caminho para a saúde. ● Yoga, um caminho para a transcendência, etc. Com relação à educação ele aborda um tema que até o momento pouco se escreveu no Brasil sobre o assunto: o Método Montessori-Lubienska. Os professores montessorianos poderão encontrar nas páginas deste livro elementos preciosos para seu trabalho e fundamentos psico-pedagógicos para a sua tarefa de educar. Especialista em Teilhard de Chardin,

4. **DESENHO TÉCNICO PARA CONSTRUÇÃO CIVIL**, Ernst Neizel. Tradução do original alemão Fachzeichnen für das Baugewerbe por Marion Luiza Schmieske. Em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo. Ano 1974. Páginas 70.

5. **DESENHO TÉCNICO DE MARCE-NARIA**, H. Herberg, W. Heidkamp, W. Keidel. Tradução do original alemão Fachzeichnen für Tischler por Kurt Koch e G. S. Riekes. Em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo. Ano 1975. Páginas 58.



tendo escrito inúmeros artigos, realizados palestras sobre o controvertido jesuíta, o professor Júlio Maran, apresenta uma visão sintética do famoso paleontólogo francês.

YOGA E MONTESSORI, PERSPECTIVAS HUMANAS é um livro indicado para professores de Yoga e amantes da milenar arte hindu, para educadores e psicólogos. Os assuntos são abordados com segurança, domínio e forma clara e didática, com fundamentação filosófica e teológica.

O VATICANO E ROMA CRISTÃ, Livraria Editora Vaticana. Cidade do Vaticano. Ano 1974. Páginas 208.

Abundantemente ilustrado a preto e branco e a cores, esta obra foi lançada num momento particularmente feliz pelo afluxo mais numeroso de turistas e pe-

regrinos a Roma, por ocasião do Ano Santo. O volume foi cuidadosamente preparado pela Secretaria de Estado, em seis línguas: italiano, francês, inglês, alemão, espanhol e português com o fito de oferecer uma imagem justa e válida, no sentido pastoral, além de histórico e artístico, da realidade ali retratada. O livro vai muito ao encontro das inúmeras exigências, no campo da informação acerca da natureza e da missão da Santa Sé. O volume tem o formato 14 x 20 e está impresso em papel porcelana.

É JESUS QUE CURA, Frei Francisco MacNutt, OP. Tradução do original norte-americano **Healing** de Hércio Veiga Costa. Edições Loyola. Ano 1975, Páginas 328.

Frei Francisco MacNutt, OP, é um dos católicos mais preocupados com a renovação carismática e com a prática da cura pela oração em grupos. Em 1967, conheceu o trabalho de Agnes Sanford, Rev. Tommy e outros líderes protestantes no ministério da cura e imediatamente percebeu que fundamentalmente a doutrina sobre a cura estava realmente de acordo com a tradição da Igreja Católica. Posteriormente exerceu o Ministério da cura nos EUA, Peru, Bolívia e Chile. "Eu vim sarar muita gente", afirma ele, "particularmente rezando em equipe ou numa fervorosa comunidade".

Frei Francisco MacNutt é formado pela Universidade Católica da América, por Harvard e pelo Instituto Teológico Aquino. Foi professor de homilética durante cinco anos e exerceu a presidência da Conferência Cristã da Pregação. É autor de numerosas obras e artigos

sobre a pregação e curas e co-autor do filme **The Healing Ministry of the Church**. O livro é de raciocínio claro, revela uma grande sensibilidade e explica problemas que a maioria tem com o ministério da cura, com realismo e os pés sobre a Terra. Sua influência será positiva e favorável.

CELEBRAÇÃO DA CONSCIÊNCIA, Ivan D. Illich. Tradução do original inglês **Celebration of Awareness** de Heloísa de Lima Dantas. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 156.

"Cada um dos capítulos deste livro reproduz um esforço de minha parte no sentido de questionar a natureza de algo supostamente certo. Por conseguinte, cada um deles trata de um engodo, do engodo contido em algumas de nossas instituições. As instituições criam certezas e, se tomadas a sério, as certezas entorpecem os ânimos e algemam a imaginação." Nada melhor do que estas palavras para apresentar este livro.

"Desafio" é a palavra que melhor se aplica às idéias e às palavras de Ivan Illich, que já atraiu a atenção do mundo inteiro para as suas invectivas contra algumas das mais caras instituições sociais. Neste livro ele se volta contra a idéia que se faz da eficiência, do lucro, contra o dogma do consumo, da organização, da moda, contra o moderno conceito de desenvolvimento e progresso, contra a Igreja, contra os programas de ajuda internacional e, acima de tudo, contra o sistema escolar e as pessoas que o sustentam.

Illich não desafia estes e tantos outros conceitos e instituições, apenas

para ser do contra; o seu radicalismo não é uma atitude de dúvida obsessiva. Leia-se a defesa que dele faz, no prefácio do livro, o igualmente famoso Erich Fromm. Illich ataca as místicas, os dogmas e as estruturas que, por preguiça mental e por alienação, todos nós aceitamos como coisas certas, resolvidas, incontestavelmente sérias. Mas que na realidade estão destruindo o homem e a própria sociedade, porque justamente não são coisas certas, resolvidas e sérias. Um livro de notável valor, cuja leitura não é especializada. Recomenda-se a todos. Pelo teor dos temas analisados é aconselhado sobretudo aos estudiosos de Sociologia, Educação, Política e História.

O CONTROLE NAS ORGANIZAÇÕES, Arnold S. Tannenbaum. Tradução do original inglês **Control in Organizations** de Eurico da Cunha. Editora Vozes, 1975. Páginas 444.

"As organizações são instrumentos para construir a civilização; porém elas, ao contrário da maioria dos instrumentos, não são inteiramente exteriores aos indivíduos que os usam, nem existem à parte deles. São exatamente os nossos costumes que, penetrando em nossa organização vital, exercem um efeito sobre outras fases de nossas personalidades que nós não podemos ignorar sem riscos. As instituições não são meramente nossos instrumentos, são parte de nós mesmos." O **CONTROLE DAS ORGANIZAÇÕES** é o programa de trabalho de Tannenbaum e de renomados especialistas sobre o problema da influência e do poder nas organizações.

Teoria e Prática. São utilizados alguns instrumentos da pesquisa social

científica em numerosas organizações, incluindo sindicatos, universidades, comércio e indústria. Apresenta, assim, um estudo comparativo das organizações e esclarece o desenvolvimento relativamente recente dos objetivos de pesquisa que tem por unidade de análise tanto as organizações quanto os indivíduos. É um livro recomendado aos estudiosos de Administração de Empresas e Sociologia, bem como aos Dirigentes e Líderes de Grupos humanos.

Arnold Tannenbaum é Diretor de Programa do Organizational Behavior Program no Survey Research Center, Institute for Social Research e Professor de Psicologia da Universidade de Michigan. É graduado em Engenharia Elétrica pela Purdue University e Doutorado em Psicologia pela Syracuse University. Foi consultor da Organização da Cooperação Econômica Européia.

TÉCNICAS E PRÁTICAS DAS RELAÇÕES HUMANAS, a experiência vivencial da dinâmica de grupos, Jesus Andrés Vela, SJ. Edições Loyola. São Paulo, 1975. Páginas 296.

O homem é essencialmente ser para os demais, um ser em relação que depende dos demais e é feito para os demais. Geralmente as pessoas têm muito pouca consciência deste fato, mas é algo que não se adquire conceptualmente mas através da experiência, mediante uma vivência que mude sua mentalidade. Outras procuram mais diretamente uma colaboração efetiva, deixando claro que não basta desejar ajudar os outros. Ao contrário, situados num plano concreto de ajuda, aparece

de maneira inconsciente uma multidão de resistências psicológicas que estas técnicas deixam a descoberto e logo podem ser controladas; egoísmo, frieza com relação aos outros, indiferença, agressividade, desejo de dominar os outros e utilizá-los como simples objetos.

Outras vão procurar um **insight** pessoal, um olhar da pessoa sobre si mesma: com suas limitações, suas deficiências, seus hábitos e tendências destrutivas de seu próprio eu; como também tudo aquilo que há de positivo e real em suas personalidades. É propriamente um desmascaramento da personalidade idealizada ou neurotizada. Há também técnicas grupais que têm em mira o descobrimento da maturidade de um grupo, de seu grau de abertura, de seu

ambiente de sinceridade, de amizade, de confiança, de colaboração, de compromisso com uma realidade concreta. Isto é o que pretende o livro apresentar reunindo todas as técnicas de relações humanas. Que se compreenda seu significado e não sejam distorcidas, e muito menos sejam tomadas como um simples passatempo.

São técnicas que vão dinamizar um grupo, colocando-o num plano de trabalho em equipe, impedindo-o de fechar-se sobre si mesmo, de modo que cada uma das pessoas possa crescer dentro do grupo e o grupo como tal possa transformar o ambiente em que se encontra situado, mediante a promoção das pessoas que se põem em contato com ele.

Cadernos CEAS, março/abril 1975. Centro de Estudos e Ação Social, Salvador, Bahia, Páginas 82.

1. PORTUGAL DE HOJE. AONDE VÃO OS MILITARES?, Vítor Tomás. Jornalista português residente em Salvador. Analisa os fatores que permitiram a revolução portuguesa: o deterioramento econômico do país, a longa guerra colonial, o Movimento das Forças Armadas, a ação dos diversos partidos políticos. Analisa também levemente os acontecimentos, procurando indicar os rumos do futuro. **2. 1975: MULHER.** Apenas introduz o tema. Levanta perguntas, pistas de reflexão, perspectivas... Uma espécie de mosaico para despertar o interesse do leitor, com algumas peças diferentes por linguagem, por abordagem global ou limitada, por nível de concretização, etc. Prevalece o ponto de vista da mulher

popular, o mais importante e o mais esclarecido como também a necessidade de inserir o tema mulher na problemática global da sociedade contemporânea.

3. ECONOMIA E PRÁTICA POLÍTICA. Os estudantes do Centro de Estudos de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais propõem, uma crítica aos economistas planejadores da transformação social, afirmando que uma verdadeira teoria de transformação deve confundir-se com os movimentos sociais e levar em conta os interesses em conflito. **4. COLONIZAÇÃO DA AMAZÔNIA.** A situação dos colonos da Amazônia a partir de uma experiência direta no meio procurando apresentar uma realidade diferente da programada pelo governo. É um levantamento inicial de dados e informações em torno do assunto.

Crédito—

Aceites cambiais, empréstimos e financiamentos, refinanciamentos através do PIS, FINAME, FIPEME, FIMACO, empréstimo em moeda estrangeira, avais e garantias, leasing, crédito direto ao consumidor.

Distribuição e venda—

Letras de câmbio, certificado de depósito a prazo fixo, fundos de investimentos, ações e debêntures, incentivos fiscais, títulos governamentais.

Investimentos —

Emissão e registro de títulos, administração de valores, custódia de títulos, participação acionária, underwriting, administração de fundos de investimento, operações em bolsas de valores, certificado de depósito de valores mobiliários em garantia.

**O Denasa
presta todos
os serviços
de um banco de
investimento.
E está entre os
10 grandes.**

O Banco Denasa tem uma equipe de técnicos pronta para oferecer a você a melhor solução. Especialistas no mercado de capitais, fazem um atendimento rápido e eficiente de todos os serviços de um banco de investimento. Na hora de escolher, pense grande. Escolha um dos 10 maiores. O Denasa, por exemplo. O do atendimento especial:

Conselho de Administração

Presidente
Juscelino Kubitschek de Oliveira
Conselheiros
Lucas Lopes
Baldomero Barbará Filho
Louis Steuerman
Luiz G. de Souza Lima
Victor Nunes Leal
Fernando Geraldo Simósen
Mme. Liliane V. Schneider

Diretoria Executiva

Presidente
Baldomero Barbará Neto

Vice-Presidentes
Rodrigo P. de Pádua Lopes
Rodolfo E. Antici
Carlos Alberto Mendes
Henrique Souza Lima

Diretores
Roberto Lima Neto
Lúcio Santos Pereira
Marcos Milliet
José Guilherme Padilha
Cel. Mucio Scorzelli

Diretoria Adjunta

Carlos Murilo F. dos Santos
Wladimir Rioli
Júlio Rego
Evandro F. Paiva

Banco Denasa de Investimento S.A.



Denasa - Desenvolvimento Nacional S.A.
Crédito, Financiamento e Investimentos
Denasa S.A. - Corretora de Títulos e Valores Mobiliários
Denasa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.
Denasa Leasing S.A.
Denasa Marketing e Comunicação Ltda.
Denasa Sistemas e Métodos S.A.
Denasa Imobiliária S.A.
Denasa São Paulo Corretora de Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.
Denasa Corretora de Seguros Ltda.

Rio de Janeiro - Rua da Alfândega, 28 - Tel.: 244-5022
São Paulo - Rua da Consolação, 368 - Tels.: 256-8696 - 256-7880
Belo Horizonte - Av. Augusto de Lima, 150 - Tel.: 26-9751 e
Av. Amazonas, 311 - 7º andar - Tel.: 22-1577
Brasília - Edifício Gilberto Salomão - Setor Comercial Sul - Bloco M
Lojas 3 e 6 - Tels.: 24-8609 - 24-9609
Porto Alegre - Rua dos Andradas, 1332 - 2º andar - Tel.: 24-1140